

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

GABRIELA ACEITUNO

**ASPECTOS HISTÓRICOS DA CRECHE PÚBLICA EM SOROCABA A PARTIR
DAS MEMÓRIAS DE SEUS PROTAGONISTAS**

Sorocaba
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

GABRIELA ACEITUNO

**ASPECTOS HISTÓRICOS DA CRECHE PÚBLICA EM SOROCABA A PARTIR
DAS MEMÓRIAS DE SEUS PROTAGONISTAS**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Pedagogia para obtenção
do título de licenciatura em Pedagogia
plena.

Orientação: Profa. Dra. Maria Walburga
dos Santos

Sorocaba
2017

Aceituno, Gabriela

Aspectos históricos da creche pública em Sorocaba a partir das memórias de seus protagonistas / Gabriela Aceituno. -- 2017.
100 f. : 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Profª. Dra. Maria Walburga dos Santos

Banca examinadora: Profª. Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos

Lombardi, Dra. Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia

Bibliografia

I. Educação Infantil. 2. História da creche. 3. Sorocaba. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

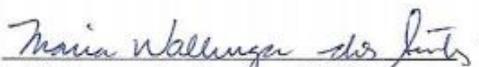
FOLHA DE APROVAÇÃO

GABRIELA ACEITUNO

“ASPECTOS HISTÓRICOS DA CRECHE PÚBLICA EM SOROCABA A PARTIR
DAS MEMÓRIAS DE SEUS PROTAGONISTAS”

Trabalho de Conclusão de Cursos apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau licenciado no Curso de Graduação em Pedagogia. Na
Universidade Federal de São Carlos – *Campus Sorocaba*

Sorocaba, 30 de novembro de 2017

Orientador (a): 
Prof.ª Dr.ª Maria Walburga dos Santos - UFSCar *campus* Sorocaba

Examinador (a): 
Prof.ª Dr.ª Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi – UFSCar *campus* Sorocaba

Examinador (a): 
Dr.ª Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia; Prefeitura Municipal de Sorocaba -
UNISO

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha amada mãe e professora dedicada e competente que me inspirou a seguir essa nobre profissão.
E a todas as mães e professores que todos os dias lutam por qualidade e valorização.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sérgio e Silmara que sempre me deram apoio, carinho e amor e que lutam todos os dias para que eu possa realizar meus sonhos.

Ao meu irmão, que apesar da importunação, sempre despertou o que há de melhor em mim.

Ao meu namorado, João, que todo esse tempo esteve ao meu lado com sua paciência, apoio e amor incondicional.

À minha madrinha, Cristina, que está sempre ao meu lado, nos momentos bons e ruins, que me ajuda, me incentiva e que nunca me deixa fugir de meus desafios.

As minhas queridas amigas Sophia e Yeda, que ao longo desses cinco anos me deram força e vontade de continuar.

À Profa. Dra. Walburga, que além das aulas excepcionais, me orientou com muito carinho e muita confiança em meu trabalho.

A todos os participantes dessa pesquisa que me atenderam prontamente e se colocaram à disposição, contribuindo com meu trabalho com relatos fascinantes.

E por fim, a UFSCar – Sorocaba e a todos os meus professores pelo conhecimento proporcionado, pelo carinho e dedicação a profissão e aos alunos e pela desconstrução de pré-conceitos e incentivo a uma visão mais crítica do mundo.

RESUMO

ACEITUNO, Gabriela. Aspectos históricos da creche pública em Sorocaba a partir das memórias de seus protagonistas. 2017. 100 f. Monografia (Graduação em Pedagogia plena) – Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2017.

Este trabalho resgata o contexto histórico do início do atendimento infantil em Sorocaba e analisa o processo de institucionalização da creche. A pesquisa, em sua organização metodológica, é de ordem qualitativa e bibliográfica, e foi realizada a partir de leitura de teses, artigos, livros e documentos referentes a história da creche no país, com atenção ao processo em Sorocaba, incluindo as leis federais, estaduais e municipais de educação e infância. Além disso, reforçando o cunho qualitativo, a pesquisa também se baseou em entrevistas, realizadas nos meses de junho e julho de 2017, com pessoas que trabalharam no início da creche na cidade, ou mesmo antes de sua institucionalização, e que participaram diretamente do processo de inclusão da creche no campo da Educação logo após a Constituição Federal, e na Secretaria de Educação de Sorocaba no ano de 2016. Desse modo, é uma pesquisa bibliográfica descritiva, com suporte na metodologia de História Oral. Com o objetivo principal de mapear a história do atendimento à infância em Sorocaba e, em segundo plano, apontar e refletir a respeito dos convencionalismos que temos sobre a creche. A pesquisa bibliográfica e as entrevistas realizadas permitem identificar avanços alcançados pela creche ao longo dos anos e os desafios a serem enfrentados nos dias atuais.

Palavras-chave: Educação infantil. História da creche. Sorocaba

ABSTRACT

This paper rescues the historical context of the beginning of child care in Sorocaba and analyzes the process of institutionalization of day care. The research, in its methodological organization, is qualitative and bibliographical, and was carried out from the reading of theses, articles, books and documents referring to the history of day care in the country, with attention to the process in Sorocaba, including federal laws, state and municipal education and childhood. In addition, reinforcing the qualitative aspect, the research was also based on interviews carried out in June and July 2017, with people who worked at the beginning of the day care center in the city, or even before their institutionalization, and who participated directly in the process of inclusion of the nursery in the field of Education immediately after the Federal Constitution, and in the Sorocaba Secretariat of Education in the year 2016. Thus, it is a descriptive bibliographical research, supported by the Oral History methodology. With the main objective of mapping the history of child care in Sorocaba and, secondarily, pointing out and reflecting on the conventions we have about child care. The bibliographical research and the interviews conducted allow us to identify advances achieved by the day care center over the years and the challenges to be faced today.

Keywords: Child education. history of day care. Sorocaba

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Lista de funcionários ativos na SEDU	23
Tabela 2: Curso, instituição e ano de conclusão dos entrevistados	29
Tabela 3: Relação educar/cuidar.....	30
Tabela 4: Quem pode trabalhar com criança.	30
Tabela 5: Concepção de criança.....	31
Tabela 6: Concepção de educação infantil.....	31
Tabela 7: Papel do professor.	31
Tabela 8: Desafios atuais da creche.	32
Gráfico 1: Entrevistas realizadas	27
Gráfico 2: Idade atual e ano de ingresso na rede dos entrevistados.	28
Gráfico 3 Cargos ocupados e curso de formação dos entrevistados	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

SP - São Paulo

CNE - Conselho Nacional de Educação

CEB - Câmara de Educação Básica

PI - Parque Infantil

CERI - Centro de Educação e Recreação Infantil

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

CECOPE - Centro de Convivência Pré-escolar

PEMSO - Pré-escola Municipal de Sorocaba

CATAPE - Centro de Aperfeiçoamento de Acessória de Pré-escola

CEI - Centro de Educação Infantil

UNISO - Universidade de Sorocaba

FADI - Faculdade de Direito

PUC - Pontifícia Universidade Católica

UNIP - Universidade Paulista

UFPR - Universidade Federal do Paraná

CF - Constituição Federal

FUA - Fundação Ubaldino do Amaral

PEB - Professor de Educação Básica

SEDU - Secretaria de Educação

PROF - Professor

PROFA - Professora

DRA - Doutora

IVC - Instituto Verificador de Comunicação

ASSIST - Assistente

AUX - Auxiliar

SERV - Serviços

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Início do atendimento infantil no Brasil	14
3. O início do atendimento em Sorocaba	21
3.1 Breve histórico de Sorocaba.....	21
4. Memórias da creche em Sorocaba por seus protagonistas.....	26
4.1 Dados das entrevistas	26
4.2 Mães crecheiras.....	32
4.3 Institucionalização da creche.....	34
4.4 Desafios atuais da creche.....	38
5. Considerações finais.....	40
Referências.....	43
APENDICE – A – TERMO DE CONSENTIMENTO	46
APENDICE – B – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO.....	47
APENDICE C – ENTREVISTAS MÃES CRECHEIRAS.....	48
APENDICE D – ENTREVISTA FLAVIANO AGOSTINHO LIMA	58
APENDICE E – DEPOIMENTO MARIA INÊS PANNUNZIO	70
APENDICE F- ENTREVISTAS PROFESSORAS.....	76

1. Introdução

Esta pesquisa recupera o contexto histórico da criação das creches em Sorocaba e o processo de sua institucionalização¹, apresentando os conceitos de Educação Infantil, de creche, de pré-escola, de criança e de infância na atualidade e identificando os movimentos sociais e as leis que permitiram a criação de creches, bem como as pessoas que participaram desses movimentos para entender como funcionavam e como funcionam atualmente as creches públicas em Sorocaba a fim de iniciar uma reflexão sobre o que se encaixa em educação infantil de qualidade e entender quais as necessidades do atendimento de crianças de 0 a 3 anos.

Considerando que a atual estrutura física do sistema de ensino público municipal na cidade de Sorocaba na educação infantil (0 a 3 anos) não tem capacidade de absorver toda a demanda existente no município, visto que faltam vagas no atendimento da etapa creche, de acordo com o Jornal Cruzeiro do Sul², em reportagem de 15 de abril de 2017, são 13 mil crianças matriculadas nas creches em Sorocaba e 2.500 crianças aguardando vagas, gerando um perfil de salas lotadas em algumas regiões da cidade ocasionando também falta de funcionários e desvalorização do profissional que está atuando nas creches, baixa remuneração e condições inadequadas para esse profissional exercer suas atividades junto com as crianças.

E ainda mais, quanto mais se lotam as classes, mais se distancia de uma das funções do precípua da Educação Infantil:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, p. 18)

Faz-se necessário um estudo sobre a creche a partir dos primeiros movimentos de atendimento as crianças até os dias atuais, entendendo o contexto

¹ A institucionalização do atendimento infantil acontece quando esse atendimento passa a ser regulamentado e de responsabilidade do Estado, seja em espaços públicos ou particulares, como casas ou igrejas. Dessa forma, focaremos no momento em que a creche passa a ser regulamentada e de responsabilidade do Estado.

² O jornal Cruzeiro do Sul é uma das principais mídias de Sorocaba e região. É o jornal com maior circulação no interior do Estado de São Paulo, conforme aferição do Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Foi fundado em 12 de junho de 1903 e é mantido pela Fundação Ubaldo do Amaral (FUA)

do país e da cidade e mapeando os avanços, os desafios e os limites enfrentados para que possamos compreender melhor essa desconsideração com a educação infantil, focalizando principalmente no momento de institucionalização do atendimento³ ao público infantil.

Visto que, o caráter assistencialista da creche ainda está longe de ser superado, e a necessidade de deixar as crianças na creche, fazem com que as famílias busquem outras opções e muitas crianças entram por ordem judicial⁴ e ultrapassam a capacidade de atendimento de algumas escolas. Entender a história do atendimento infantil é de extrema importância para entendermos o que é a creche, qual a função da creche e por que e como podemos (e temos!) que lutar por qualidade.

Para contemplar o que foi descrito acima, a pesquisa será, em sua organização metodológica, de ordem qualitativa e bibliográfica, realizada a partir de leitura de teses, artigos, livros e documentos referentes a história da creche no país, com atenção ao processo em Sorocaba, incluindo as leis federais, estaduais e municipais de educação e infância. Além disso, reforçando o cunho qualitativo, a pesquisa também se baseou em entrevistas, realizadas nos meses de junho e julho de 2017, com pessoas que trabalharam no início da creche na cidade, ou mesmo antes de sua institucionalização, e que participaram diretamente do processo de inclusão da creche no campo da Educação logo após a Constituição Federal, e na Secretaria de Educação de Sorocaba, no ano de 2016. Desse modo, será uma pesquisa bibliográfica descritiva, mas com suporte na metodologia de História Oral, “triangulando” dados bibliográficos e documentais com as entrevistas recolhidas. Com o objetivo principal de mapear a história do atendimento à infância em Sorocaba e, em segundo plano, apontar e refletir a respeito dos convencionalismos que temos sobre a creche, esse trabalho de conclusão de curso se apresenta organizado e desenvolvido em 4 capítulos, da seguinte maneira:

O primeiro capítulo descreve a respeito do início do atendimento infantil no Brasil. Nele descrevo como e por que houve a necessidade do atendimento à infância, contextualizando com o momento político e econômico do país e os movimentos sociais que contribuíram para que houvesse o atendimento. Abordo

³ O termo “atendimento” é utilizado para explicitar que não havia educação, apenas assistência.

⁴ As ordens judiciais são determinações do juiz para que o município providencie imediatamente uma vaga para a criança em escola pública cumprindo o que determina o disposto do artigo 208 da CF (1988) § 1º “O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo” (Constituição Federal, 1988, art. 208)

também a leis que foram sendo implementadas e representando conquistas desses movimentos, à luz dos estudos sobre a infância a partir dessa nova percepção de criança.

No segundo capítulo apresento como se deu esse movimento em Sorocaba antes da Constituição Federal de 1988, utilizando como referência as pesquisas da Tizuko Kishimoto (1988) sobre as escolas maternas; Eliete Jussara Nogueira e Sandra Martinez (2006) sobre a história da educação infantil em Sorocaba período de 1950 a 1990; Silvia Lobo (2008) sobre as auxiliares da educação e utilizando também documentos oficiais da Prefeitura Municipal de Sorocaba.

O terceiro capítulo continua com a história de Sorocaba contada a partir das entrevistas feitas, apresentando dados primários recolhidos. Neste capítulo trabalho com o projeto de “mães crecheiras” e a mudança das creches domiciliares para a creche em um espaço público voltado para educação. Apresento também a análise dos dados colhidos nas entrevistas com os protagonistas⁵ da história da creche em Sorocaba.

Para finalizar, realizo uma análise das questões levantadas nos outros capítulos, das entrevistas e do atendimento feito hoje e explico a necessidade da creche e o que se esperar de um atendimento qualificado.

Com isso, espero que possamos entender melhor as origens da creche, a importância do trabalho educativo feito com as crianças desde pequenas, a importância de profissionais qualificados e de espaços adequados para essa faixa etária a fim de contribuir para a história da educação e da cidade de Sorocaba, com as lutas por qualidade nas creches públicas e na formação de futuros profissionais da creche.

⁵ O termo “protagonistas” refere – se as entrevistadas (professoras, mães crecheiras e professora Maria Inês Pannunzio), pois, são pessoas que contribuíram ativamente no processo de implementação da creche como espaço educativo na cidade de Sorocaba; e ao professor Flaviano Agostinho de Lima, que mesmo não participando desse processo em seu início, tem sua marca na creche em Sorocaba pela atuação como Secretário de Educação no ano de 2016.

2. Início do atendimento infantil no Brasil

A expansão do atendimento infantil, principalmente em creche, em seu desenvolvimento histórico no Brasil, está atrelada às mulheres, seus movimentos de lutas e conquistas e também ao uma nova forma de entender e encarar a criança e a infância. Leskinen (2004 apud OST, 2009) esclarece que a inserção da mulher no mercado de trabalho, ocorre por conta da I e II Guerra Mundial, já que as mulheres assumiam os negócios da família enquanto seus maridos iam para as batalhas. Por conseguinte, com o crescimento da urbanização e a revolução industrial, se consolida o sistema capitalista. Nesse momento a mão de obra feminina é muito requisitada dentro das fábricas, principalmente para operar máquinas, já que aceitavam salários menores que os homens, trabalhavam de 14 a 16 horas por dia e em condições insalubres para que não perdessem o emprego, além disso, ainda tinham que cuidar da casa e dos filhos (OST, 2009)

Vários autores que trabalham com a história da educação infantil e das crianças (FARIA (2005), KISHIMOTO (1988), DUARTE E VILHENA (2013), FERNANDES E KUHLMANN (2012), SPADA (2005), CRAIDY E KAERCHER (2001), entre outros, apontam em seus estudos que, a partir desse novo sistema de produção o objetivo da sociedade, sobretudo das mulheres, era de buscar um local seguro para que as crianças ficassem enquanto seus pais iam trabalhar, principalmente as mães que além do trabalho extremamente exaustivo, ainda tinha os cuidados com o lar e com os filhos, a partir daí evidencia-se uma busca por escolas e também uma preocupação dos empregadores para que a funcionária tivesse onde deixar seus filhos e se dedicar ao trabalho.

O início do atendimento infantil foi possível devido aos movimentos feministas, que buscavam inserir a mulher no mercado de trabalho, principalmente na indústria, e que atuavam ao lado dos movimentos sindicais de esquerda, ainda assim não havia uma preocupação com a oferta de um atendimento pedagógico, mas unicamente com cuidados essenciais como higiene e alimentação, mas não era pensado em recursos que estimulassem o desenvolvimento dessas crianças.

Somente depois de muito tempo é que, a criança passou a ser vista como sujeito de direitos e a infância, bem como a educação infantil foram entendidas como uma etapa importante na vida da criança e reconhecidas por lei. Para que possamos

compreender melhor esse processo, que passa pelo início do atendimento às crianças pequenas, vale relembrar alguns pontos como, por exemplo, a roda dos expostos e casa dos expostos.

Em 1738, o padre Romão Mattos Duarte criou, no Rio de Janeiro, a casa dos expostos que foi inventada na Europa para garantir o anonimato e estimular as pessoas que não queriam seus bebês o levassem para essas instituições ao invés de abandoná-las em qualquer lugar e evitando que elas morressem de frio, de fome ou comida por algum animal. (MARCILIO, 1997)

A casa dos expostos chegou em São Paulo no século XIX, para diminuir os problemas de miséria enfrentados por crianças e mulheres, e por crianças órfãs e abandonadas, tinha o maior índice de crianças expostas do Brasil e durou até a década de 1950. (MARCILIO, 1997)

Devido à falta de interesse e atenção do Estado nessas instituições e a grande demanda, surgiram muitas instituições sem a mínima condição de atendimento, preocupadas apenas com o cuidado e alguns problemas sociais ligados a falta de atendimento adequado para essas crianças.

Os esforços para extinguir as rodas no país tiveram a adesão dos juristas, que começavam a pensar em novas leis para proteger a criança abandonada e para corrigir a questão social que começava a perturbar a sociedade: a adolescência infratora. (MARCILIO, 1997, p. 66)

Até 1930, a creche não é aceita como instituição válida e não tem função pedagógica (SPADA, 2005), é marcada pela omissão do Estado e pela filantropia o que contribuiu para que a creche fosse vista como um local de acolhimento e aconchego para as crianças carentes e não como um espaço educador e transformador. De acordo com Merisse (1997 apud. SPADA 2005, p.2) “As primeiras instituições voltadas ao atendimento à infância no Brasil, tiveram seu início marcado pela ideia de oferecer assistência/amparo aos necessitados.”

Essas instituições têm suas origens nos abrigos ou asilos que começaram a ser instalados no período colonial, no século XVIII, numa sociedade escravocrata, onde as escravizadas eram vistas como objeto sexual e, por isso, havia um grande índice de crianças indesejadas e abandonadas.

Na cidade de Sorocaba/SP, em 1920 é instalada a primeira escola maternal com participação oficial, a partir da lei 1750 de 8 de dezembro de 1920 permitindo a criação dessa escola com o objetivo de desenvolver e melhorar a produtividade da indústria paulistana. A escola, começou seu funcionamento apenas no dia 20 de

março de 1924, e atendia os filhos dos operários das fábricas Santa Rosália e Santo Antônio que moravam na vila operária, e as despesas eram divididas entre a fábrica e o Estado de São Paulo. A segunda escola maternal inicia seu atendimento no dia 25 de janeiro de 1925, na cidade de Votorantim para atender os operários da fábrica Votorantim, foram construídos edifícios para a instalação da escola e da creche pela família Crespi e o Pe. Gastão Liberal Pinto mesmo sem a vila operária. (KISHIMOTO, 1988)

Em São Paulo, em 1935, foram criados os Parques Infantis na gestão de Mario de Andrade, no Departamento de Cultura da cidade, apoiado por outras personalidades do movimento modernista que atendia crianças de 3 a 12 anos com atividades voltadas para a integração do jogo, a cultura, a arte, o folclore, e a saúde das crianças. Além das atividades extracurriculares era oferecido também o curso normal.

Tinha-se, nesses espaços físicos propostos por Mário de Andrade, as artes como fios que conduziam as criações infantis, numa junção entre arte, educação e cultura, colocadas no dia a dia das crianças, originando-se ambientes próprios aos meninos e meninas, convivendo entre si, na mistura de diferentes faixas etárias (GOBBI, 2012, p.213)

Mario de Andrade defendia uma infância livre, com interações, brincadeiras e jogos. Crianças produzindo cultura e conhecendo a sociedade em que vivem.

A ideia de desenvolver a cultura por meio de educação, para alavancar a economia e a produção, condizia com o pensamento da intelectualidade da época e justificava toda e qualquer ação educativa que tivesse como fim promover a cultura tendo em vista o fortalecimento da nação (SANTOS, 2005, p. 47)

De acordo com Santos (2005), os Parques Infantis tinham como profissionais: médicos e instrutores de educação física, proporcionavam lazer as crianças e as famílias, pois abriam nos fins de semana e realizavam várias festas, tinham um espaço amplo e até mesmo piscinas.

Assim, pode – se considerar os Parques Infantis como parte de um sistema de educação mais completo, porque buscavam satisfazer em plenitude física e intelectual os seus frequentadores, e também complexo, se considerarmos como independentes da educação formal. (SANTOS, 2005 p. 50)

Os Parques infantis tinham como objetivo assistir crianças mais necessitadas e tirar essas crianças das ruas ou de suas famílias para que não sofressem com doenças, fome e até mesmo evitar a morte por não se enquadrarem na educação formal:

[...] tornaram – se palco de expressões culturais diversas, que, em meio à busca de identidade e homogeneidade concretizam a diversidade,

demonstrando que as diferenças compõem o todo e que quanto mais diverso o ambiente maior a possibilidade de troca e construção de conhecimento. (SANTOS, 2005 p.60)

No Estado Novo (1937 – 1945), governo de Getúlio Vargas, o Estado assume oficialmente as responsabilidades do atendimento infantil e cria o Ministério da Educação e Saúde, e as creches públicas em São Paulo aparecem ligadas a assistência social. A proposta para o atendimento infantil era convênios com instituições filantrópicas e particulares e de programas como mães crecheiras. Essas instituições aparecem ligadas a saúde e ao Serviço Social e reforça ainda mais a ideia de que a creche serve apenas para o cuidado e, principalmente, para as crianças mais carentes.

Com a expansão das indústrias e, conseqüentemente, o ingresso das mulheres nesse setor, na década de 1950 o governo inicia o atendimento no ensino fundamental e se concentra nessa faixa etária, a partir da década de 1970 a pressão dos movimentos sociais pedem o atendimento infantil nas escolas. Os movimentos de luta por creche, em São Paulo, nos anos de 1978 a 1982 apontam uma demanda grande de vaga em creche e uma necessidade da sociedade.

A busca por vagas em creche é cada vez maior e na década de 1980 o país começa a enfrentar graves problemas de desempenho e evasão escolar no ensino fundamental, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental. A má qualidade do ensino reforçava ainda mais as desigualdades vivenciadas no país. (SPADA, 2005)

É a partir da década de 1990, principalmente por conta da promulgação da Constituição Federal em 1988 que começa uma discussão acerca da articulação entre cuidado e educação, pois é a partir dessa lei que a educação passa a ser direito de todos e dever do Estado, que é efetivado com a obrigatoriedade do Estado oferecer Educação Infantil, em creches ou pré-escolas, às crianças de até 5 anos de idade (Constituição Federal, 1988 art. 205 e art. 208)

No artigo 208, inciso VII a lei prevê a obrigatoriedade do Estado oferecer também: “atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde” (Constituição Federal, 1988 art. 208, inciso VII)

Em 1990 é instituído o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) que reafirma os direitos das crianças estabelecidos na constituição federal conforme o artigo 3º:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

A partir dessas leis, que contaram com a participação dos movimentos comunitários, movimentos das mulheres, movimentos de redemocratização e principalmente das lutas dos profissionais da educação, como o Movimento de Luta por Creche, que surge em São Paulo na década de 1970 com influência do Movimento Feminista e do Movimento da Anistia (SILVA et al., 2015), a Educação Infantil passa a buscar uma nova identidade no sentido de se situar dentro da secretaria de educação e superar a visão de assistencialismo e caridade, dessa forma, passamos por um momento de intensa revisão sobre as concepções da educação infantil e de estudos sobre práticas pedagógicas e desenvolvimento infantil.

Assim o parecer CNE/CEB nº 20/2009 define os espaços de educação infantil como:

As creches e pré-escolas se constituem, portanto, em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de zero a cinco anos de idade por meio de profissionais com a formação específica legalmente determinada, a habilitação para o magistério superior ou médio, refutando assim funções de caráter meramente assistencialista, embora mantenha a obrigação de assistir às necessidades básicas de todas as crianças. (Parecer CNE/CEB nº 20/2009, p. 4)

As novas legislações permitem uma reflexão sobre o papel da educação infantil e a sua função dentro da sociedade, com isso o atendimento infantil deixa de ser responsabilidade da assistência e passa a ser de responsabilidade da educação, dessa forma há um novo olhar sobre a creche e a pré-escola, pois agora ela deve ser entendida como um espaço de relações entre as crianças, onde elas devem ter a oportunidade de se desenvolver de forma global e não apenas um espaço de cuidado, onde a criança fica enquanto seus pais trabalham. A creche deve ser um espaço institucionalizado e educacional distinto daquele dos contextos domésticos.

Essa mudança na concepção da educação infantil surgiu por conta das modificações nas formas de pensar o que é criança e a importância que foi dada a

infância, trazendo assim um novo olhar sobre a infância, as crianças, e consequentemente a educação infantil.

Surgiram diversos estudos sobre o desenvolvimento infantil, sobre as características “naturais” das crianças em cada fase, sobre a importância desse período da vida do ser humano e, por conseguinte vários especialistas falando sobre como organizar as aulas, como devem ser os horários, quais conteúdos devem ser trabalhados, entre outras “instruções” para se trabalhar com a criança na sala de aula (CRAIDY E KAECHER, 2001)

A criança que até então era vista como um ser frágil, sem importância e privada de direitos políticos (SARMENTO, FERNANDES E TOMÁS, 2007) e que precisava ser protegida ganha uma nova conotação, agora a criança é vista como sujeito de direitos e como um ser produtor de cultura. Nesse momento, era preciso “romper com a ideia de que a criança é um ser pequeno, sem ideias e sem opiniões; é um sujeito de direitos, ativo e participante nas relações sociais” (PEREIRA, 2013 p. 45)

Nascimento (2011, p. 149), coloca as crianças como “pessoas concretas e contextualizadas, submetidas aos mesmos problemas que atingem o grupo social do qual fazem parte.”

É também, nesse momento que as experiências das creches Reggio Emilio⁶ começam a ser divulgadas no Brasil, nessas creches as crianças são vistas como atores sociais e participantes ativos da sociedade, são fortes, poderosas e competentes. (NASCIMENTO, 2011)

Diante disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, p. 12)

⁶ Reggio Emilio é uma cidade do norte da Itália, onde os moradores, por uma decisão política, construíram uma escola com as próprias mãos, após ver a cidade em escombros devido a II Guerra Mundial. A abordagem Reggio Emilio, se baseia na participação da comunidade e prioriza as experiências reais em que as crianças podem tocar, sentir, fazer, se relacionar, e explorar seu redor para que conheçam si mesmas e o mundo em que vivem. (Santos, 2014)

E define a educação infantil em creches até 3 anos, e em pré-escolas de 4 a 5 anos como:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção. (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, p. 12)

Diante do que foi exposto, percebemos que a visão sobre a criança e a infância se construiu ao longo do tempo de acordo com o desenvolvimento e as necessidades da sociedade. Hoje a criança é vista como um ser humano que precisa ser cuidado e estimulado afim de desenvolver toda a sua potencialidade e suas habilidades, a infância é encarada como a etapa mais importante do desenvolvimento humano e por isso precisamos ter espaços adequados, profissionais especializados para que se desenvolva essas potencialidades e habilidades com qualidade.

3. O início do atendimento em Sorocaba

Como já vimos no capítulo anterior, segundo Kishimoto (1998) foi instalada em Sorocaba, em 1924 a primeira escola maternal, através dos esforços do deputado estadual Campos Vergueiro, com o objetivo de atender os filhos dos operários das fábricas Santa Rosália e Santo Antônio. A escola maternal permitiu uma maior produtividade dessas empresas e o crescimento das indústrias na cidade, dessa forma, era necessário contratar mais funcionários e conseqüentemente a demanda por vagas em creches e escolas aumentava cada vez mais.

Neste capítulo me apoiarei nos textos: “A educação infantil na cidade de Sorocaba: um resgate da história no período de 1950 a 1990” das autoras Eliete Jussara Nogueira e Sandra Lembo Martinez (2006); “Os auxiliares de educação e o seu trabalho” da Silvia Lobo, nas entrevistas feitas e em documentos e leis oficiais da Prefeitura de Sorocaba para contar a história do atendimento infantil da cidade.

3.1 Breve histórico de Sorocaba

Eliete Jussara Nogueira e Sandra Lembo Martinez (2006), no texto “A educação infantil na cidade de Sorocaba: um resgate da história no período de 1950 a 1990” contam a história da educação infantil em Sorocaba a partir de relatos orais de funcionários e ex-funcionários que trabalharam na creche na década de 50 e 60.

Nogueira e Martinez (2006) iniciam o texto em 1954 quando é inaugurado o Parque Infantil nº 1, no bairro Além Ponte que atendia crianças de 3 a 12 anos de idade, na sequência foram criados os Parques Infantis nº 2, na Vila Santana, nº 3 no Largo do Divino, nº 4 na Vila Angélica e nº 5 no Barcelona. Os Parques Infantis (PIs) funcionavam em terrenos simples da prefeitura, geralmente em bairros afastados do centro e neles aconteciam atividades de recreação, de assistência ao ensino, de higiene e também era oferecida a merenda escolar.

As professoras utilizavam de muita criatividade para desenvolver as atividades, já que não haviam materiais suficientes e por falta do apoio financeiro eram feitas festas, bazares e afins para arrecadação.

Em 1970, os PIs foram transformados em Centro de Educação e Recreação Infantil (CERI) e as atividades começaram a ser planejadas buscando a inserção dessas crianças no Ensino Fundamental.

Em 1974, os CERIs foram transformados em Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) atendendo a faixa etária de 4 a 6 anos (pré-escola). Essas escolas foram consideradas modelos para as outras cidades da região.

Em 1978, no intuito de ocupar espaços inativos da prefeitura, a equipe de divisão social desenvolveu um projeto para atender, nesses espaços, crianças na fase pré-escolar denominado Centro de Convivência Pré-escolar (CECOPE) que foi unificado com as EMEIS e passaram a ser chamados de Pré-escola Municipal de Sorocaba (PEMSO), foi adotado a filosofia pedagógica de Carl Rogers, onde a criança é tida como centro da prática educativa, e contratada a assessoria do Centro de Aperfeiçoamento de Acessória de Pré-escola (CATAPE) dessa forma toda a rede tem uma única proposta pedagógica com material de apoio pedagógico e curso de aperfeiçoamento para professores. (NOGUEIRA e MARTINEZ, 2006)

Em 1988, a Constituição Federal determina que as creches devem integrar a Secretaria de Educação e com caráter educacional.

Em 6 de setembro de 1994 é instituído o Quadro e Plano de Carreira do Magistério Público Municipal (Lei 4.599) dando oportunidade para unificação das creches e pré-escolas resultando nos Centros de Educação Infantil (CEI) que até hoje atendem crianças de 0 a 5 anos.

O Quadro e Plano de Carreira do Magistério Público Municipal dispõem sobre as especificidades dos cargos e funções de docentes e do suporte pedagógico. Em seu artigo 5º especifica que os docentes são constituídos pelos cargos de Professores de Educação Básica I e II (PEB I e PEB II) com habilitação específica de nível Superior correspondente a Licenciatura Plena; e no artigo 6º especifica que os cargos do suporte pedagógico serão constituídos por Orientador Pedagógico, Vice-diretor, Diretor de Escola e Supervisor de Ensino também com habilitação específica de nível superior correspondente a Licenciatura Plena.

De acordo com o portal da transparência de Sorocaba, até o mês de setembro/2017 Sorocaba conta com 21.916 funcionários públicos municipais, dos quais 16.480 são funcionários ativos da Secretária de Educação (SEDU), distribuídos da seguinte maneira:

Tabela 1: Número de funcionários ativos na Secretária de Educação de Sorocaba

Cargo	Nº de Funcionários
Agente Infantil	<u>22</u>
Agente Infantil – Readaptado	<u>1</u>
Ajudante Geral	<u>1</u>
Assist. de Secretário Expediente	<u>2</u>
Assist. de Administração	<u>6</u>
Assist. Social	<u>3</u>
Prof. Eventual	<u>10.537</u>
Aux. de Educação – Readaptado	<u>6</u>
Aux. de Serv. Operacionais - Readaptado	<u>1</u>
Aux. de Serviços Operacionais	<u>83</u>
Aux.de Administração	<u>143</u>
Aux.de Educação	<u>1.429</u>
Chefe de Divisão	<u>4</u>
Chefe de Seção	<u>15</u>
Diretor de Escola	<u>145</u>
Estagiário Nível Superior	<u>1.125</u>
Fisioterapeuta	<u>1</u>
Fonoaudiólogo	<u>4</u>
Gestor de Desenvolvimento Educacional	<u>8</u>
Inspetor de Alunos	<u>217</u>
Motorista	<u>2</u>
Of. administrativo	<u>1</u>
Orientador Pedagógico.	<u>107</u>
Pebl	<u>2.254</u>
Pebl - Readaptado	<u>32</u>
PeblI	<u>173</u>
PeblI – Readaptado	<u>11</u>
Psicólogo	<u>8</u>
Regente Maternal	<u>5</u>
Regente Maternal – Readaptado	<u>4</u>
Secretario	<u>1</u>
Secretario de Escola	<u>48</u>
Supervisor de Ensino	<u>20</u>
Técnico de Controle Administrativo	<u>8</u>
Técnico recreação e Lazer	<u>1</u>
Terapeuta Ocupacional	<u>3</u>
Vice-Diretor	<u>49</u>

Tabela 1: Lista de funcionários ativos na SEDU.

Fonte:<http://leideacesso.etransparencia.com.br/sorocaba.prefeitura.sp/Portal/desktop.html?410> (Acesso em: 11/11/2017)

Dos cargos mencionados acima, trabalham diretamente na creche os agentes infantis, auxiliares de educação, regentes maternas, auxiliares administrativos, diretores, estagiários, orientadores, PEBI e regentes maternas, entretanto não é possível afirmar o número exatos de funcionários da creche, pois, esses cargos também existem nas unidades de pré-escola, ensino fundamental e ensino médio, e

há funcionários que trabalham diretamente na SEDU ou em outras secretarias da Prefeitura.

De acordo com Lobo (2008) quando a creche passou a ser de responsabilidade da Educação, foi criado o cargo de regente maternal para que as mães crecheiras levassem para a creche suas experiências com o cuidado, elas atuavam como um apoio ao professor dentro da creche.

Devido aos altos salários e a não aceitação de alguns professores na higienização das crianças foi criado o cargo de Agente de Desenvolvimento Infantil no governo de Paulo Mendes, que foi substituindo o professor nas atividades de cuidar. Ainda na gestão de Paulo Mendes foi criado o cargo de Agente de Recreação Infantil.

Em 1995, nas creches, já havia: professores, com formação inicial do magistério em nível médio; regentes maternais sem escolaridade - antigas mães crecheiras; agentes de recreação contratadas - na época, projeto experimental, hoje, cargo extinto - e os agentes infantis - possuindo a mesma função dos agentes de recreação, cuja escolaridade exigida era o ensino fundamental. (LOBO, 2008 p. 37, 38)

Em 1999, o, então prefeito, Renato Amary extingue o cargo de agente de desenvolvimento infantil e contrata estagiários para substituir esses profissionais.

Criou – se o cargo de Auxiliar de Educação para que esses funcionários atendessem as necessidades pedagógicas e administrativas da escola, de acordo com Lobo (2008):

O cargo de Auxiliar de Educação não foi, inicialmente, pensado para as creches, mas sim para as escolas de Ensino Fundamental a fim de ocuparem função de secretaria, porém devido à municipalização e ao aumento do número de escolas municipais, entre as quais se incluem as creches, estes funcionários passaram a ser designados para o atendimento em creches municipais. (p.38)

Atualmente, a creche funciona com um professor que trabalha no período da manhã ou da tarde com as atividades pedagógicas, junto com auxiliares de educação, que varia de acordo com o número de crianças e os auxiliares no período oposto do professor, que são responsáveis pelo cuidado e pela recreação das crianças nos casos das creches em período integral. Os auxiliares de educação têm uma jornada de trabalho de 6 horas diárias e mais 2 horas semanais para formação, como o cargo exige apenas o ensino médio, os auxiliares de educação não se enquadram no Quadro do Magistério, ou seja, a sua atuação independe do previsto no calendário escolar, segue o que determina o Estatuto do Servidor Público

Municipal (Lei Ordinária nº 3.800). São servidores públicos municipais, concursados, que atuam dentro das unidades escolares, junto a Secretaria de Educação.

4. Memórias da creche em Sorocaba por seus protagonistas

Nesse capítulo apresento os dados relativos à pesquisa realizada. Como já dito anteriormente, além do levantamento bibliográfico, foram realizadas 7 entrevistas com pessoas que trabalharam no início da creche na cidade ou mesmo antes e que participaram diretamente do processo de institucionalização da creche logo após a Constituição Federal e na Secretaria de Educação da cidade de Sorocaba no ano de 2016, e a professora Maria Inês Pannunzio, que esteve à frente da Educação durante o governo do Pannunzio (1989 – 1992) nos deu um depoimento sobre esse período para que possamos resgatar o processo de criação das creches públicas em Sorocaba e refletir sobre o desenvolvimento e a qualidade do atendimento infantil. As entrevistas e o depoimento foram realizadas nos meses de junho e julho de 2017 e se encontram na íntegra no Apêndice deste trabalho.

4.1 Dados das entrevistas

As entrevistas foram estruturadas, com perguntas abertas para que os entrevistados tivessem a liberdade de contar suas memórias, que segundo Platão é um bloco de cera, onde nossas lembranças são impressas ou ainda, conforme Jacques Le Goff é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

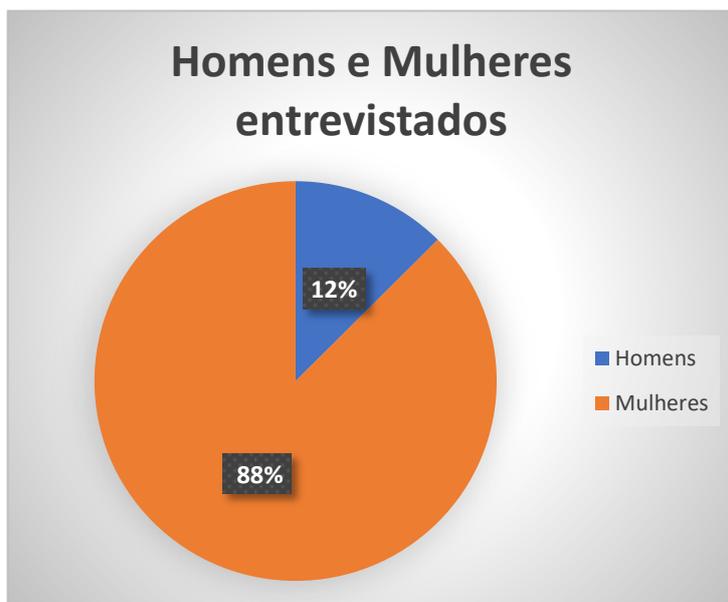


Gráfico 1: Quantidade de homens e mulheres entrevistados. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

O gráfico acima mostra a quantidade de homens (12%) e mulheres (88%) entrevistados. As entrevistas foram feitas com apenas 8 pessoas por conta do curto tempo para realização das mesmas, mas procuramos entrevistar pessoas de diferentes cargos, formações, gêneros e pontos de vistas. Entrevistamos mães crecheiras, professoras, o secretário de educação no ano de 2016 e a professora Maria Inês Pannunzio, que esteve a frente na educação nos anos de 1989 e 1992. Foram feitas perguntas abertas⁷⁷ (conforme apêndices), e as entrevistas foram gravadas em espaços públicos, no local de trabalho ou na casa dos entrevistados, de acordo com a preferência de cada um.

O número de mulheres maior é recorrente na educação, principalmente nos cargos que trabalham diretamente com criança. As mulheres são a maioria no atendimento infantil em Sorocaba, são também protagonistas na luta por acesso e qualidade do atendimento em creche.

⁷⁷ Exceto no caso da professora Maria Inês Pannunzio, que preferiu fazer a entrevista em forma de depoimento.

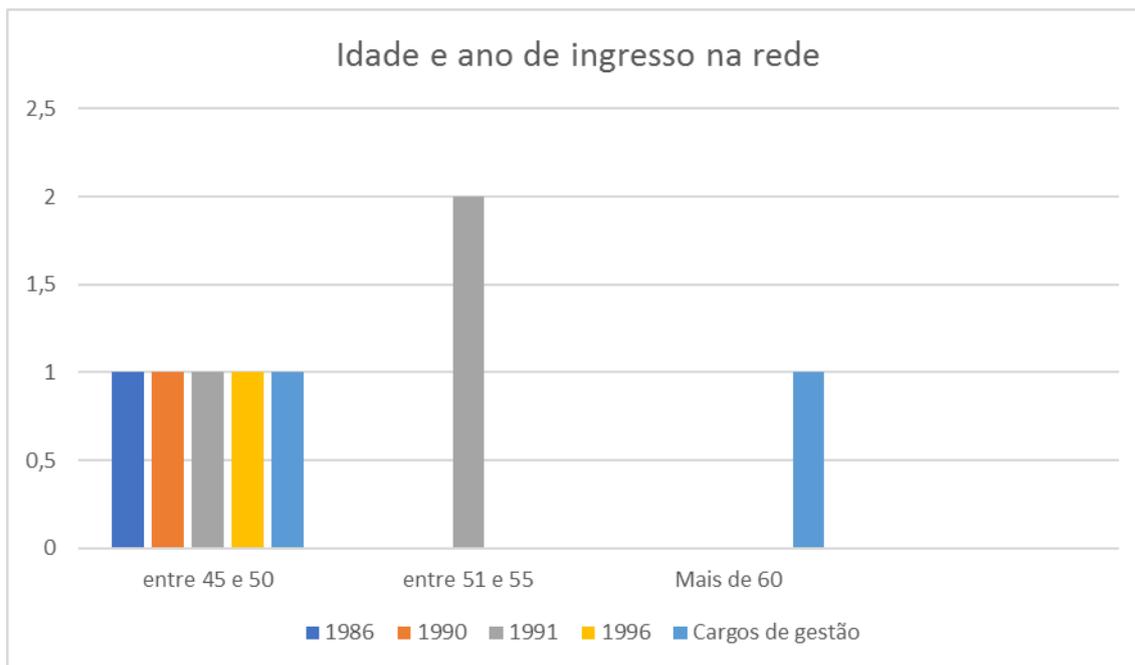


Gráfico 2: Idade atual e ano de ingresso na rede dos entrevistados. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

O gráfico 2 mostra a idade atual e o ano de ingresso de cada entrevistado nos cargos de professor e servente⁸. Os cargos de gestão (Secretário de Educação (2016) e Gestora de Educação Infantil) não tem ano de ingresso pois não são funcionários concursados na prefeitura de Sorocaba.

Podemos observar que a maioria entrou nos anos 1990 e 1991, logo que a creche passou para a secretária de educação e foram feitos concursos para que se possibilitasse o atendimento nas creches convencionais.

Tabela 2: Curso, instituição e ano de conclusão dos entrevistados

⁸ As mães crecheiras prestaram concurso para servente quando houve a notícia de que não haveriam mais creches domiciliares, já que como mães crecheiras trabalhavam como contratadas e não eram funcionárias efetivas da prefeitura.

Curso	Instituição	Ano de conclusão
Ensino Médio (Magistério)	-	-
Pedagogia	UNISO	1996/1999
Direito	FADI – Sorocaba	1998
Economia	PUC – SP	1991
Filosofia / Pedagogia	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	1970/ 1991
Psicologia	UNIP	2001
Pedagogia	UFPR – Pinhais	2007

Tabela 2: Curso, instituição e ano de conclusão dos entrevistados. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

Na tabela acima podemos perceber, além dos diferentes cursos, diferentes instituições e anos de conclusão, o que pode significar diferentes modos de pensar e agir em relação a criança e ao seu desenvolvimento.

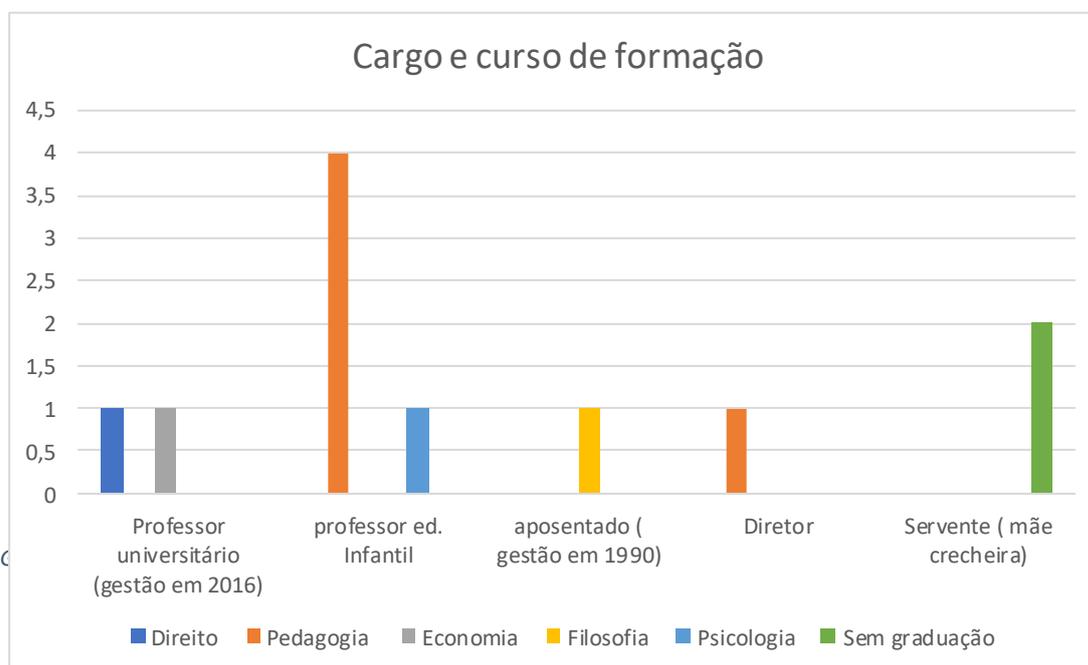


Gráfico 3: Cargo e curso de formação dos entrevistados. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

O gráfico acima mostra os cargos ocupados pelos entrevistados e o curso de formação, a grande maioria são professoras da rede, formadas em Pedagogia. É interessante observar também que os entrevistados que ocuparam cargos na gestão

na Secretária de Educação não têm a formação em Pedagogia. Podemos perceber também que as pessoas sem graduação são uma parte significativa dentro da escola, o que evidencia a falta de profissionais qualificados.

Durante as entrevistas, os participantes falaram um pouco da visão que eles têm de alguns aspectos importantes da educação infantil, apresentados em tabelas abaixo para um melhor entendimento

Tabela 3: Relação educar/cuidar

Cuidar = necessidades/ Educar = desenvolver competências e habilidades; acontecem juntos	1 entrevistado
O cuidar é um ato educativo	3 entrevistados
O educar contempla o cuidar; não podem ser dissociados	4 entrevistados

Tabela 3: Relação educar/cuidar. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

Apesar das definições sobre a relação do educar e cuidar serem um pouco diferente é unânime o entendimento de que os dois, principalmente com as crianças pequenas, tem que acontecer juntos. Os entrevistados entendem que as crianças precisam ser cuidadas para que possam aprender e enquanto é cuidada pode ser estimulada.

Tabela 4: Quem pode trabalhar com criança

O professor, o auxiliar de educação e o estagiário, desde que bem planejado	1 Entrevistado
O professor / pedagogo	5 entrevistados
Quem gosta de criança	1 entrevistado
Pessoas com cursos de formação (magistério)	1 entrevistado

Tabela 4: Quem pode trabalhar com criança. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

Quanto a quem pode trabalhar com crianças, os entendimentos são um pouco diferentes. A partir das entrevistas podemos concluir que devido a complexidade da primeira infância e do desenvolvimento infantil é necessário um entendimento sobre esse universo, mas também é importante um profissional afetivo, observador, calmo, paciente.

Tabela 5: Concepção de criança

Sujeito histórico, cultural, social e de direitos	2 entrevistados
Ser puro que te traz coisas boas, inocente	2 entrevistados
Precisa de amor, carinho e atenção	3 entrevistados
Protagonista do processo educativo	1 entrevistado

Tabela 5: Concepção de criança. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

Na tabela acima temos as diferentes concepções de crianças, que podem ser complementares, pois são seres complexos que precisam sim, de amor, carinho, respeito e principalmente, precisamos entender que o processo educativo na creche, só acontece por causa da criança. A educação na creche precisa ser totalmente voltada para as crianças.

Tabela 6: Concepção de educação infantil

Deve proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança	4 entrevistados
Espaço que possibilite interações entre pessoas e entre objetos do conhecimento; fase mais importante do desenvolvimento infantil	4 entrevistados

Tabela 6: Concepção de educação infantil. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

Na tabela 6, as concepções sobre a educação infantil são parecidas, dentre as pessoas entrevistadas todas acreditam que a educação infantil é um local onde a criança pode se desenvolver de maneira global, o que diferencia são as formas em que esse desenvolvimento pode acontecer e como o professor deve intervir.

Tabela 7: Papel do professor

Desenvolver as potencialidades das crianças	3 entrevistados
Observar a criança com respeito e perceber o que ela precisa naquele momento	4 entrevistados
Escutar com todos os sentidos e possibilitar que a criança possa experimentar, sentir, vivenciar, usar da criatividade e da sensibilidade.	1 entrevistados

Tabela 7: Papel do professor. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

Na tabela 7, temos a visão de cada entrevistado sobre o que deve ser o papel do professor. Podemos entender essas diferentes visões como complementares, pois, a melhor maneira de desenvolver as potencialidades das crianças é com respeito e a partir da experimentação, buscando sempre compreendê-las.

Tabela 8: Desafios atuais da creche

Garantir o acesso com qualidade e os repasses financeiros para a educação	1 entrevistado
Relação professor – auxiliar	1 entrevistado
Entrada frequente de crianças durante o ano todo e a superlotação	4 entrevistados
Desvalorização do professor	1 entrevistado

Tabela 8: Desafios atuais da creche. Fonte: dados recolhidos por Gabriela Aceituno

Por fim, a tabela 8 apresenta o que os entrevistados consideram os desafios que a creche enfrenta nos dias de hoje. O maior desafio foi considerado a superlotação e a entrada frequente de alunos, muito por conta da judicialização, o Estado precisa garantir a vaga para a criança para cumprir a CF (1988) que determina em seu art. 208 que o direito de todos à educação é efetivado a partir da oferta em creches e pré-escolas às crianças de até 5 anos, ou seja a criança tem o direito a vaga, porém, muitas vezes a escola não tem espaço físico e funcionários suficientes para que essa criança seja atendida com qualidade, seria necessário um investimento maior para suprir essa demanda. O que gera outro desafio, a desvalorização do professor. As salas lotadas, a falta de funcionários, a falta de estrutura física, a falta de materiais, a falta de valorização do trabalho pedagógico, acendem no professor essa sensação de desvalorização e desmotivação.

4.2 Mães crecheiras

De acordo com dados coletados para essa pesquisa, temos que na cidade de Sorocaba, foco deste trabalho, o movimento para inserção de creches publicas se iniciou, principalmente, em 1989, após a promulgação da Constituição Federal. Na intenção de cumprir a lei, foram contratados diversos funcionários e oferecidos cursos para se trabalhar com criança pequena. Até então existiam pouquíssimas creches, e o problema de vagas era diminuído com o programa de creches domiciliares ou “mãe crecheira”. As mães crecheiras ou creches domiciliares, consistiam em uma mulher, que tomava conta dos filhos de outras famílias, na sua própria casa, para que os pais das crianças pudessem trabalhar fora, essas mulheres recebiam salário e auxílio, como comida e produtos de limpeza da

prefeitura. Várias cidades, em todo o Brasil, utilizaram desse programa, como Goiânia, Rio de Janeiro, Brasília.

O projeto Creches domiciliares ou Mãe Crecheira funcionava da seguinte maneira: a mãe crecheira, poderia ter até dois filhos pequenos e, se ela tivesse duas crianças, ela recebia mais cinco crianças na casa dela e essas crianças ela tinha que alimentar e cuidar, a proposta não era educativa, era só de cuidados. A prefeitura mandava toda a alimentação para essas crianças: frutas, legumes e carnes. As casas eram, normalmente, pequenas e ela recebia, durante 8 horas, cinco crianças. (Profa. Maria Inês Pannunzio, entrevista em julho/2017 – APENDICE E)

As mães crecheiras contaram, de forma amorosa e saudosa, como funcionava o projeto para elas:

Foram para minha casa 8 crianças, 7 de 1 a 6 anos e 1 de menos de um ano, bebê. Aí nós cuidávamos deles, ficava das 7:30 até 5:30 na casa da gente, 2 horas, no meio do dia ia a monitora para dar atividades para eles. Nesse meio de tempo ficava só com a gente as crianças, a gente dava banho, café, almoço, lanche e depois janta. 5:30 as crianças iam embora. A casa da gente era uma crechinha assim bem simples, mas tinha o colchonete que eles dormiam, tinha o carrinho do bebe, tinha o berço do bebe dormir. Nossa, menina, era muito gostoso sabia? Eu lembro até hoje com as minhas meninas gostavam, e elas também ficavam ajudando a brincar com as crianças, a cuidar deles. (M., entrevista em junho/2017 – APENDICE C)

As mães traziam as 7 da manhã, daí as mães chegavam e eu já estava com o café pronto para eles, daí eu dava café da manhã, eles sentavam e tomavam o café da manhã, daí eu colocava brinquedo e eles iam brincar, uns com os outros. Daí eles brincavam e enquanto eles brincavam eu ia preparando o almoço, daí antes, eu deixava meio adiantado já, eu dava banho neles, eu dava banho nos 7. Tudo era eu, junto com eles. Era como se fosse 7 filhos da gente.

Uma vez por semana vinha o hortifrúti, como vem hoje em dia, vinha coisa para a salada, vinha o pão. Uma vez por mês vinha a compra e toda semana, vinha

a carne, o ovo, o pão, a margarina. Essas coisas assim vinham toda semana, tudo. (E., entrevista em junho/2017 – APENDICE C)

Apesar de um programa interessante e que resolve a demanda de vagas rapidamente sem muito custo, haviam alguns problemas como a falta de espaço adequado para crianças pequenas e bebês na casa, falta de espaço para armazenar a comida, a falta do trabalho pedagógico com essas crianças e o vínculo empregatício que essas funcionárias passariam a ter com a prefeitura. Assim, foi decidido finalizar com esse programa e oferecer essas vagas em creches convencionais, nesse momento as creches passavam da secretária de promoção social para a secretaria de educação.

4.3 Institucionalização da creche

Antes disso, havia as PEMSOs que atendiam as crianças de 4 a 6 anos, e o CECOPE, como conta a professora R:

Eu trabalhei, para você ter uma ideia, no CECOPE que era o projeto municipal da educação, antes, já tinha PEMSO, que antes chamava PEMSO, mas eu fazia magistério e no magistério que eu comecei a trabalhar como se fosse estagiaria hoje em dia, só que a gente era sozinha, então ficava só eu na escola. Tinha uma pessoa que era voluntaria que ia para fazer comida e o dia que ela não ia eu tinha que fazer comida, que era um saco de alimento assim, era lata de feijão, macarrão daí vinha o molho pronto, lata de sardinha, e eu tinha que me virar, tinha que fazer a comida, olhar as crianças, só que até hoje, eu tenho saudade. Eu trabalhei lá no Ipanema do meio [...] a gente tinha um planejamento que já vinha pronto. Então tinha uma reunião uma vez por mês, com a coordenadora, que era a B. e o S. da prefeitura. E eles entregavam para a gente vários planejamentos, do mês como todos os dias já, musiquinha nova, fazia oficina de artesanato, a gente era preparado nessa reunião para chegar lá e dar aula, aí o começo foi bem isso, tinha lugar que tinha mãe crecheira, daí a mãe crecheira já é outro sistema.

Eu ficava meio período com as crianças. Era um convênio com professor do estado. Começaram a trazer professor do estado pra Sorocaba aí o professor do estado ficava meio período e eu ficava meio período, daí a prefeitura ficava no mesmo lugar, ficava junto, num prédio da prefeitura, bem simples, a gente usava

centros comunitário, esse do começo, era uma cozinha pequenininha com dois banheiros, um coberto pequeno com cavalete que tinha que guardar até a noite as mesas e aí a criançada assim, dia que chovia era até complicado, era bem assim, vários pontos de Sorocaba, devia ter umas 10 escolinhas assim, o Gutierrez também era assim que eu lembro, o Guadalajara já tinha mais estrutura por que era no centro comunitário, tinha escola que eles usavam o centro comunitário pra ficar a creche. (R., entrevista em julho/2017 – APENDICE F)

Pensando em um melhor atendimento, e mais especializado, principalmente à primeiríssima infância foi iniciado o projeto Creche & Vida, organizado pela professora Maria Inês Pannunzio.

Visitei as creches enquanto ainda estavam sob responsabilidade da Secretaria da Promoção Social e vi creches muito limpas, com os brinquedos fora do alcance das crianças, e as crianças a partir das 16 horas, já estavam de banho tomado e enfileiradinhas, sentadas no chão esperando, esperando os pais que chegariam às 17 horas. Eu visitei três creches, e percebi uma preocupação muito grande com a higiene do espaço e das crianças, bem como com a alimentação, mas não vi alegria nas creches, não acompanhei nenhuma atividade de brincadeira. Tudo isso me preocupou muito e pensei qual o significado das crianças irem para creche.

Estudamos muito o que se entendia por Creche, naquele momento, e o porquê das creches passarem a ser responsabilidade da Educação. A conclusão foi da importância do trabalho educativo, por isso a creche não ficaria mais na Secretaria da Promoção Social, mas seria, inclusive, com verbas da secretaria da Educação que elas seriam mantidas.

Depois de muitos estudos e visitas, elaboramos uma proposta pedagógica para as nossas creches. O projeto das creches foi denominado “Creche & Vida”, pois a vida deveria estar presente na creche. (Profa. Maria Inês Pannunzio, entrevista em julho/2017 – APENDICE E)

Assim, foram oferecidos diversos cursos para explicar que a creche tem que ser um espaço de educação que possibilite interações e que possibilite o desenvolvimento integral das crianças. O projeto Creche & Vida determinava que seriam professores que iriam trabalhar com as crianças, e se baseava em teóricos

como Piaget, Vygotsky e Wallon para a abordagem pedagógicas que seriam trabalhadas na creche.

Tinham muitas formações, e a Maria Inês Pannunzio, no início ela estava à frente de todas as formações, então eu tive a oportunidade de fazer as formações antes de entrar na creche, quando eu entrei na creche eu já entrei com um conhecimento bom de creche, mesmo tendo feito um magistério fraco, por que eu fiz um magistério fraco, mais aí eu entrei com um conhecimento muito bom em creche. (L., entrevista em junho/2017 – APENDICE F)

Com isso, inicia o atendimento infantil em creches públicas na cidade de Sorocaba, de responsabilidade da secretaria de educação, com uma proposta educativa. Como contam os professores que iniciaram sua carreira nesse momento:

A creche, quando eu entrei, eu peguei uma creche novinha, que tinha acabado de ser inaugurada, então era tudo novo para as crianças, tudo novo para os pais, para a comunidade que era da Vila Angélica, eles adoravam tudo, eles conheciam tudo. A gente tinha muito material, para mim também era tudo muito novo, por que tinha muito livro, muita coisa, tudo novinho. As crianças vinham encantadas, tudo colorido, lindo e novo, e uma alimentação muito boa, os pais respeitavam demais os professores, entendiam o trabalho, tudo que você pedia, colocava, tinha bastante retorno. Então foi assim, para eles foi um ganho. A comunidade não tinha isso, quando ela ganhou essa creche foi muito importante. Só que de início atendia só as mães que trabalhavam fora. (S., entrevista em junho/2017 – APENDICE F)

Eram 15 crianças para dois professores. Na época que a gente começou eles tinham acabado de tirar os agentes infantis, regente infantil ficaram de apoio e só colocaram professor, só tinha professor em todas as fases das crianças, e daí, quando eu comecei, eu comecei no berçário, aí tinha duas de manhã e duas a tarde. A gente entrava das 7 ao meio dia aí entrava a outra turma, outros professores do meio dia as 5. E era tudo o professor que fazia, a gente dava banho, a gente trocava coco, xixi, dava mamadeira, dava comida e fazia a parte pedagógica, era tudo o professor. Essa era a rotina que a gente tinha. (E.R., entrevista em junho/2017 – APENDICE F)

Quando eu iniciei na creche, que foram lá com as formações da Maria Inês Pannunzio, nós não tínhamos auxiliares, eu não lembro de ter. Então eu lembro que eu trabalhava no berçário, era eu e uma outra professora, a professora E. que foi uma das minhas colegas, e teve outras também, então, assim, nós cuidávamos das crianças e nós também fazíamos a parte da estimulação. Só que sobrava muito pouco tempo para fazer a estimulação, por que nós éramos em duas professoras para 15 bebês, então nós ficávamos a maior parte do tempo cuidando. Mas o conhecimento que a gente tinha da pedagogia e os cursos que a gente tinha a oportunidade de fazer, porque naquela época existia muita formação para o professor da rede, então essas formações possibilitava o professor ter o conhecimento quanto era importante mesmo no cuidado ele estar estimulando, então a gente não tinha um momento de estimulação somente, mas, assim, com os cuidados já existia a estimulação, a conversa com a criança. (L., entrevista em junho/2017 – APENDICE F)

Os professores também trouxeram questões sobre o relacionamento com os pais e sobre a valorização do trabalho pedagógico:

Para eles era para colocar a criança lá para poder trabalhar ou colocar a criança lá e poder ficar livre da criança e a criança poder ter alimentação, ter tudo do bom, que era muito bom, não tinha o que reclamar mesmo porque café da manhã, almoço, colação era tudo maravilhoso, a comida super bem-feita, era muito melhor do que é hoje, e as crianças se alimentavam muito bem, então a intenção do pessoal mais simples era essa, era que a criança ficasse na escola. (E.R., entrevista em junho/2017 – APENDICE F)

A preocupação pedagógica os pais nunca tiveram, quem foi colocando foi a gente, com o trabalho sendo mostrando, fazíamos muita reunião. Eu tive uma diretora muito boa, que ela adorava chamar os pais para estarem participando das coisas, e ela dava oportunidade de mostrarmos nosso trabalho e, através disso, eles foram conhecendo o trabalho pedagógico, que eles não conheciam O trabalho pedagógico com crianças pequenas, por que a creche também era novidade na época. Então era através das reuniões de pais que se conseguia mostrar alguma coisa. Claro que, uns valorizavam, outros não compreendiam, queriam só deixar a

criança. Mas eles participavam bem, era uma comunidade bem participativa. (S., entrevista em junho/2017 – APENDICE F)

4.4 Desafios atuais da creche

A creche se expandiu rapidamente em Sorocaba, de acordo com o ex-Secretário de Educação de Sorocaba:

Entre novos Centros de Educação Infantil (CEI's) ou sua ampliação somente entre 2013 e 2016 foram entregues 20 novas obras, sendo geradas 4.109 novas vagas entre berçário e creche. Estamos falando em um aumento de 25% de novas unidades de educação infantil, que passaram de 78 para 98 CEI's e 49% de novas vagas nessas instituições, fato inédito na história da educação de Sorocaba, saltando de 8.382 para 12.491 vagas nas creches municipais. Também foram aumentadas mais 354 novas vagas por meio de convênios com creches filantrópicas. Somadas essas ofertas, foram 4.463 novas vagas.

São múltiplos os fatores que levaram a esse crescimento. Dentre eles destaco (sem prejuízo de tantos outros), as modificações do papel da mulher na sociedade que aumentam a demanda por creches, a necessidade orçamentária, a qualidade crescente das creches construídas no município de Sorocaba, a maior qualificação dos professores e das equipes de suporte pedagógico como Diretores, Vice-Diretores, Supervisores de Ensino e Orientadores Pedagógicos (o mesmo com relação a todos os demais profissionais, como os Auxiliares de Educação e todos os demais colaboradores), pelo projeto pedagógico em constante aprimoramento, pela infraestrutura que contempla material escolar, merenda, segurança, limpeza e tantos outros recursos, que levam a uma nova percepção de qualidade e, conseqüentemente, a compreensão de que nossas creches focam no binômio cuidar-educar e não somente na visão assistencialista. (Prof. Flaviano Agostinho Lima, entrevista em julho/2017 – APENDICE D)

A prefeitura ainda lida com muitos problemas na questão do acesso a creche, principalmente com a qualidade desse atendimento, pois, mesmo com o aumento substancial de ofertas de vagas nas CEIs a lista de espera ainda é grande e esse número aumenta a cada ano. Os desafios para que se atinja a qualidade esperada na creche são muitos.

Os professores apontam como o maior desafio a judicialização que geram classes superlotadas e entrada recorrente de crianças durante o ano o que dificulta o trabalho pedagógico e desgasta física e emocionalmente os profissionais dessa modalidade de ensino.

é muita criança, e você daí, esse cuidado acaba engolindo o educar, por que você não tem como não olhar eles, não cuidar, não tem ninguém ali pra te ajudar mais, por que tem que ir no banheiro, vai no banheiro toda hora, classes lotadas, com 30 crianças, então o desafio hoje é mas essa parte humana que está faltando, mais pessoas pra trabalhar ou diminuir o número de crianças, e ai também, eu acho que assim uma sala com 15 e duas pessoas é uma coisa, uma sala com 30 e 3 pessoas, ou 4 é muita energia, é muita criança, então o maior desafio do professor hoje talvez seja esse, o número excessivo de alunos na sala de aula, teria que ser menos alunos. (R., entrevista em julho/2017 – APENDICE F)

Sobre isso, o ex-Secretário traz uma fala interessante sobre a luta pela qualidade.

Tenho uma confiança muito grande na qualidade e comprometimento dos profissionais da educação infantil da rede municipal de Sorocaba dentre os Supervisores de Ensino, Diretores e Vice-Diretores de Escolas e CEI's, de Orientadores Pedagógicos, Professores de Educação Básica, Auxiliares de Educação e todos os demais técnicos da educação municipal. Há um nível de formação e qualificação crescente que garantirão o gradual aumento da qualidade em nossas creches, sabendo da luta travada para que as políticas públicas educacionais sejam efetivas de forma democrática e participativa. Ao lado disso, é fundamental a participação crescente de pais, familiares e também da sociedade civil na cobrança dos agentes políticos, desde o Prefeito, Secretários para priorizar investimentos nas creches e até nas demais esferas como no Governo Estadual e Federal para garantir repasses à educação infantil e aplicação eficiente de recursos, considerando as escolhas que devem ser feitas e não serão fáceis pois implicarão em renúncias. (Prof. Flaviano Agostinho Lima, entrevista em julho/2017- APENDICE D)

É preciso unir escola e família e cobrar dos políticos que seja feito investimentos na educação, não apenas ampliar as vagas, mas investimentos no sentido de valorizar o trabalho pedagógico, contratar mais funcionários, construir espaços adequados para o atendimento de cada faixa etária, comprar materiais apropriados para as crianças, investir na formação continuada dos profissionais que atuam na creche e também na formação inicial dos futuros profissionais.

5. Considerações finais

Podemos observar que a creche ainda busca uma identidade. A visão de uma creche como um espaço de educação com finalidade de garantir aos bebês e crianças pequenas, processos de conhecimentos e aprendizagens e interações com o mundo e com as pessoas a sua volta, sem deixar de lado os cuidados com a proteção, a saúde, a confiança e a dignidade dos bebês e crianças (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009) ainda é pouco difundida.

Quando tratamos de crianças muito pequenas, de 0 a 3 anos como é o caso da creche, é unânime o entendimento de que essa criança precisa de cuidados, todo o tipo de cuidado, desde o colo, o banho, a alimentação, o sono, a troca de fraldas, etc. O aumento que tivemos na demanda da creche e a frequente entrada de crianças por ordem judicial fazem com que os professores sacrifiquem o trabalho pedagógico para que se mantenha um cuidado digno para as crianças.

O trabalho pedagógico da creche ensina o convívio com outras crianças, a comunicação, o ato de dividir, estimula a criatividade, incentiva a criação, impulsiona a autonomia. Não deve ser um espaço apenas para assistir a criança, mas de descoberta do mundo, criatividade, autonomia de forma que desenvolva integralmente a criança em todos os aspectos: cognitivo, físico, motor, social, cultural, afetivo, emocional e psíquico.

Hoje em Sorocaba, de acordo com dados da prefeitura⁹, temos 78 unidades que atendem a etapa creche. Cada sala de creche conta com um professor mais o auxiliar ou o estagiário proporcional ao número de crianças atendidas. Há também as merendeiras, responsáveis por toda a alimentação das crianças, as funcionárias

⁹ Disponível em: <http://educacao.sorocaba.sp.gov.br/escolas-municipais/escolas-de-educacao-infantil/> Acesso em: 11/11/2017

da limpeza, um orientador pedagógico que auxilia no trabalho do professor (sendo, na etapa de educação infantil, um orientador para cada duas escolas) e o diretor que cuida da parte pedagógica e administrativa da escola.

É nítido o avanço da creche, principalmente após a CF (1988), afirmado pela LDB (Lei 9394/96) e mais recentemente com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009), mas, ainda há um longo caminho para percorrer. A creche ainda não rompeu com seu cunho assistencialista e não é tida como um espaço de educação para aprendizado e desenvolvimento dos bebês e crianças pequenas. Para isso, é necessário que se invista em espaços adequados, com bons materiais, profissionais qualificados e valorizados, e uma solução para a alta demanda e ordens judiciais.

Como vimos no decorrer da pesquisa, a creche se iniciou através da assistência e avançou por conta dos movimentos sociais, principalmente das mulheres. Esses movimentos buscavam, primeiramente, um lugar seguro para que as crianças ficassem enquanto seus pais trabalhavam e se expandiu para uma luta por vagas nesses espaços, por alimentação, saúde, transporte, etc. É válido lembrar que os movimentos sociais lutaram, e lutam até hoje, por acesso e permanência de qualidade em todas as etapas da educação.

Em Sorocaba, é importante destacar o papel da professora Maria Inês Pannunzio, que muito fez pela educação, através do projeto Creche & Vida e dos cursos oferecidos aos professores.

Entre as falas dos entrevistados, podemos perceber, que mesmo dentro da escola, as visões de mundo, de criança, de educação, ainda são diversas. Muitos dos que trabalham na escola, ainda não enxergam o potencial educador da creche. Todos os entrevistados concordam que a criança precisa ser educada e cuidada, mesmo que a visão sobre esse educar não seja a mesma, e que o educar e o cuidar não podem se dissociados, porém nem todos concordam sobre quem deve trabalhar com essa criança, em algumas respostas temos que é necessário apenas gostar da criança, o que nos remete a visão assistencialista, quando temos profissionais formados a valorização desse trabalho aumenta.

O mesmo acontece sobre a concepção de criança dos entrevistados, ao afirmarmos que as crianças são puras, inocentes e precisam de amor e carinho dentro da creche e que o papel do professor é se dedicar a essa criança, novamente nos remetemos a visão assistencialista, quando entendemos a criança como sujeito

histórico, social, cultural e de direitos e como protagonista do processo educativo, o papel do professor passa a ser de proporcionar as crianças experiências de interações e descobertas do mundo.

A partir das leituras e entrevistas realizadas para esse trabalho, foi possível concluir que houve um avanço muito grande em relação ao atendimento da educação infantil na parte pedagógica e social ao longo dos anos, principalmente na década de 1990, onde se investiu muito em profissionais, materiais, espaços educativos e cursos de formação, porém, não foi feito um planejamento para atender a demanda de educação infantil, pensando no direito da criança à educação instituída pela LDB (1996), que fez com que os pais buscassem uma alternativa legal para garantir o direito da criança no acesso a creche. Desta forma, temos uma atual regressão, em termos de qualidade, estrutura física e de profissionais habilitados, não atingindo o que foi proposto quando se pensou na construção de um atendimento infantil de qualidade e voltado para a educação.

Referências

BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. 92 p.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Câmara de Educação Básica** Parecer CNE/CEB 20/2009, 11.11.2009. Brasília, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução CEB n. 05, 17 dez. 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/vB87vB>> Acesso em: 07 out. 2017;

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/dWqEjM>>. Acesso em: 07 out. 2017.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CRAIDY, Carmen; KAECHER, Gladis E. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

DAROS, Thuinie Medeiros Vilela; PALUDO, Karina Inês. **A institucionalização da infância a partir dos aspectos históricos, políticos e pedagógicos**. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/mZf7h1>>. Acesso em: 06 out. 2017.

DUARTE, Rivania Kalil; VILHENA, Sylvia Paula de Almeida Torres. **EDUCAÇÃO infantil paulistana: HISTÓRIAS, TEMPOS E ESPAÇOS**. 2013. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02_3310_texto.pdf>. Acesso em: 26 set. 2017

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 92, p.1013-1038, out. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/>>. Acesso em: 21 set. 2017.

FERNANDES, Fabiana Silva; KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Análise de periódicos na história da educação: princípios e procedimentos**. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n146/13.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2017.

GARCIA, Roseli Gonçalves Ribeiro Martins. **Educação superior do professor da primeira infância**. 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/wYr2sy> >. Acesso em: 26 set. 2017.

GOBBI, Maria Aparecida. **Conhecimento histórico e crianças pequenas: parques infantis e escola municipal de educação infantil**. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982012000200010>>. Acesso em: 26 set. 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Moshida. **A pré-escola em São Paulo**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

LOBO, Sílvia Cavalcante Lapa. **Os auxiliares de educação e o seu trabalho**. 2008. Disponível em: < <https://goo.gl/Lo8YM> >. Acesso em: 27 nov. 2017.

MARCILIO, Maria Luiza. **A roda dos expostos e a criança abandonada no Brasil colonial: 1726-1950**. FREITAS, Marcos Cezar. (Org.). História Social da Infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 1997

NASCIMENTO, Maria Letícia. **Algumas considerações sobre a infância e as políticas de educação infantil**. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/oe7cFR>>. Acesso em: 06 out. 2017.

NOGUEIRA, Eliete Jussara; MARTINEZ, Sandra Lembo Fernandes. **A educação infantil na cidade de Sorocaba: um resgate da história no período de 1950 a 1990**. 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/uSi3di>>. Acesso em: 7 out. 2017.

OLIVEIRA, Suad Aparecida Ribeiro de. **A história do primeiro parque infantil municipal de Sorocaba: o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola**. 2010. Disponível em: < <https://goo.gl/VewtYP> >. Acesso em: 26 set. 2017.

OST, Stelamaris. **Mulher e mercado de trabalho**. Disponível em: <<https://goo.gl/DjfZli>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PEREIRA, Meira Chaves. **Cultura, infância, criança e cultura infantil: alguns conceitos**. Quaestio, Sorocaba, v. 15, n. 1, p.38-49, maio 2013.

SANTOS, Lorena Melissa dos. **As práticas pedagógicas de Reggio Emília: inspirações italianas para a educação infantil**. 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/oqwd97> >. Acesso em: 07 out. 2017.

SANTOS, Maria Walburga dos. **Educadoras de Parques Infantis em São Paulo: aspectos de sua formação e prática entre os anos de 1935 e 1955**. 2005. 299 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História e Historiografia da Educação, Universidade de São Paulo, Sorocaba, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina. **Políticas públicas e participação infantil**. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/Ggk5up>>. Acesso em: 21 set. 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. 2013. Disponível em: <<https://pactuando.files.wordpress.com/2013/08/sarmento-manuel-10.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

SILVA, Adriana Alves et al (Org.). **Infâncias e movimentos sociais**. Campinas: Leitura Crítica, 2015. 196 p.

SOROCABA (Município). Constituição (1991). Lei Ordinária nº 3800, de 02 de dezembro de 1991. Dispõe sobre o estatuto dos Servidores Públicos Municipais de Sorocaba e dá outras providências. **Estatuto dos Servidores Públicos Municipais de Sorocaba**. Sorocaba, SP, Disponível em: < <https://goo.gl/hkj5vG> >. Acesso em: 12 nov. 2017.

SOROCABA (Município). Constituição (1994). Lei Ordinária nº 4599, de 06 de setembro de 1994. Estabelece o Quadro e o Plano de Carreira do Quadro do Magistério Público Municipal de Sorocaba e dá outras providências. **Quadro e O Plano de Carreira do Magistério Público Municipal**. Disponível em: < <https://goo.gl/cE5TPR> >. Acesso em: 12 nov. 2017.

SPADA, Ana Corina Machado. **Processo de criação das primeiras creches brasileiras e seu impacto sobre a educação infantil de zero a três anos**. 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/hPY4HJ>>. Acesso em: 26 set. 2017

APENDICE – A – TERMO DE CONSENTIMENTO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este é um convite para participar da pesquisa “ASPECTOS HISTÓRICOS DA CRECHE PÚBLICA EM SOROCABA A PARTIR DA MEMÓRIA DE SEUS PROTAGNISTAS”, que tem como objetivo conhecer o contexto histórico da criação das creches em Sorocaba e o processo de sua institucionalização identificando os movimentos sociais e as leis que permitiram a criação de creches, bem como as pessoas que participaram desses movimentos e contextualizando o aparecimento das primeiras creches com a história de Sorocaba, São Paulo e do Brasil, tendo em vista as demandas atuais da área. Você foi selecionada (o) devido a sua relevância na história da creche em Sorocaba e sua participação não é obrigatória.

O trabalho terá importância na pedagogia e na história de Sorocaba, podendo servir como base e informação para creches, historiadores bem como para toda a cidade. Por se tratar de uma entrevista, declaro que não haverá riscos e/ou benefícios aos entrevistados. A pesquisa será executada por Gabriela Aceituno, estudante de pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, sob orientação da Professora Doutora Maria Walburga dos Santos.

Fica assegurada a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, a respeito dos procedimentos. Também fica assegurado o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você será informada (o) a respeito da pesquisa, e não serão obrigados a participar da pesquisa, podendo desistir em qualquer fase, sem penalização alguma ou prejuízo ao seu cuidado, assim como você também poderá retirar seu consentimento a qualquer momento.

A entrevista será gravada e os dados serão divulgados de forma que não possibilite a identificação da (o) entrevistada (o). Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto, como também não terá nenhum tipo de despesa para participar, bem como nada será pago por sua participação. A pesquisa pode gerar outros materiais e ser apresentada em eventos da área.

Gabriela Aceituno

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sorocaba, _____ de 2017

Assinatura da (o) entrevistada (o)

APENDICE – B – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO**Ficha de Identificação**

Nome:

Idade:

Formação (Ano de conclusão e instituição):

Ano de ingresso na rede:

Carreira profissional:

Cargo Atual:

APENDICE C – ENTREVISTAS MÃES CRECHEIRAS

ENTREVISTA E. (Mãe Crecheira)

1. Como você iniciou o atendimento as crianças pequenas?

Eu acho que tinha umas duas ou três creches, mas era muito pouco. A gente começou assim, que naquela época eu entrei na prefeitura como CLT pra ser mãe crecheira, daí a gente fez um treinamento durante um mês, a gente ficou indo numa creche que já tinha que era o 60 lá na Vila Jardini, e a gente ficou indo lá e vendo tudo e passando por psicólogo tudo, por que a gente ia cuidar dos filhos de outras pessoas dentro da casa da gente, daí a gente cuidava de 7 crianças, a gente foi contratada pra cuidar de 7 crianças, eles chegavam, as mães traziam de manhã, as 7 da manhã e tinha crianças de 1 aninho, um ano e pouquinho, um bebezinho, outro maiorzinho. Eram dois de fralda, assim, como é na creche hoje em dia. Dois cada idadezinha deles. Dois numa idade, dois na outra, para não ficar muito só de fralda. Então cada mãe crecheira, que eu era mãe crecheira ali no Ipiranga, então era acho que 7 ou 8 mães crecheiras que tinha ali. As mães traziam as 7 da manhã, daí as mães chegavam e eu já estava com o café pronto para eles, daí eu dava café da manhã, eles sentavam e tomavam o café da manhã, daí eu colocava brinquedo e eles iam brincar, uns com os outros. Daí eles brincavam e enquanto eles brincavam eu ia preparando o almoço, daí antes, eu deixava meio adiantado já, eu dava banho neles, eu dava banho nos 7. Tudo era eu, junto com eles. Era como se fosse 7 filhos da gente, claro que com mais atenção, por que deus o livre se machucar, um machucar o outro era assim. Mas a prefeitura mandava de tudo, tudo a alimentação. Uma vez por semana vinha o hortifrúti, como vem hoje em dia, vinha coisa para a salada, vinha o pão. Uma vez por mês vinha a compra e toda semana, vinha a carne, o ovo, o pão, a margarina. Essas coisas assim vinham toda semana, tudo. A prefeitura mandou de tudo, até o filtro da água das crianças era da prefeitura que tinha na casa da gente, colchão, era esses colchonetes que tem na creche hoje, tinha os cobertorzinhos deles, que eles tiravam a horinha de sono deles, mesma coisa, a gente ali junto com eles, nós colocávamos eles no cômodo, que tinha o quarto lá, tudo no chão para não ter perigo, só o bebezinho lá que tinha o berço, tudo no chão ali para não machucar.

2. Houve preparação com os móveis?

Não, por que daí foi o meu marido mesmo quem fez, por exemplo a cadeira é alta para a criança, para a mesa a cadeira é alta, daí ele pegou e fez um banco, com um encosto atrás, pelo menos na minha casa era assim, ele fez com um encosto atrás para não ter perigo de a criança cair. O menorzinho, claro que tinha o cadeirão daí eles levaram, aí sentavam tudo ali em volta da mesa, e comiam tudo direitinho. Era uma belezinha e cada dia da semana tinha um cardápio, a gente seguia o cardápio, como se fosse hoje em dia na creche.

3. Foram dadas orientações quanto ao preparo da alimentação?

A gente teve um treinamento, que não tinha muito sal, essas coisas. Como tinha a sede, que tinha a diretora e tinha duas monitoras que vinham na casa da gente, por que a gente ficava com as crianças das 7 às 5, então a gente ficava 9 horas com as crianças, e a gente tinha direito a 1 hora de almoço, 1 hora de descanso, daí na hora do descanso as monitoras vinham ficar com as crianças, da prefeitura, as meninas vinham e ficavam. Cada horário elas iam na casa de um, por exemplo, se eles estavam na minha casa, se fosse o horário do almoço elas serviam o almoço, eu podia ir lavar uma roupa, se eu quisesse assim, agora eu vou sentar, vou deitar, era hora do meu descanso. As vezes não tinha o que fazer, elas falavam assim: “Ai tia, deite lá” aí eu falava: “Se eu deitar, eu cochilo” e elas: “nós chamamos você”. Sabe, esse horário a responsabilidade das crianças era delas, elas iam davam atividades para as crianças, como os auxiliares de educação fazem hoje, elas faziam na casa da gente.

4. Havia alguma proposta pedagógica?

Não, não, a gente era só para cuidar. Daí o pedagógico era a diretora com as moças que tinha que passar, era as monitoras, que elas tinham lá, levavam as atividades para as crianças, que naquele tempo, se eu não me engano, que cuidava era a mulher do Pannunzio, a Maria Inês que trouxe isso daí.

5. Quais os procedimentos em caso de crianças doentes?

Quando ficavam doentes a diretora entrava em contato com a mãe, a gente entrava em contato direto com a diretora, que ela ficava ali mesmo no bairro, na sede, e a gente entrava em contato com a diretora que entrava em contato com os pai, não podia dar remédio e a gente horário de trabalho da gente não podia sair do portão pra fora, não podia receber visita, por exemplo, como naquela época eu tinha a minha sogra que morava lá no Paraná e tudo ela podia, falava assim , ah não mas essa semana a minha sogra vai está me visitando, ela vai estar na minha casa, daí tudo bem, eu avisava a monitora, explicava tudo e daí ela estava ciente, que tinha uma pessoa , além da família, que tinha um pessoas a mais, que era eu, meu marido e duas menininhas, então daí tinha visita na casa.

6. Havia supervisão do trabalho?

Não, não. Tinha assim, uma vez por mês a gente tinha reunião, lá na sede, a gente ia as monitoras ajudava a levar a criançada, ia, a gente tinha as reuniões, as vezes até com as mães tudo, e daí vinha gente lá da prefeitura, vinha gente da merenda. Vinha gente lá da prefeitura, as vezes até com a mulher do Panunzzio mesmo. Ela fazia reunião para saber como que estava andando, como que estava funcionando, o que faltava acrescentar.

7. Como era a relação com os pais?

Era boa, essa época, eles só deixavam. As vezes a diretora fazia de reunir os pais, reunir as mães crecheiras, mas era lá na sede, mas na casa da gente, não tinha. A mãe perguntava, claro, como é que tinha passado a criança e a gente explicava. Tinha uns que era bem levinho, que queriam subir até nos ferros da antena daí conversava como os pais, a gente contava para mãe, ah hoje peguei fulano tentando fazer isso, mas as mães eram bem compreensivas e elas confiavam na gente.

8. Havia exigências para ser mãe crecheira?

Tinha, e tinha uma coisa que eles vieram essa época veio gente, depois que a gente foi sabe, veio gente fazer pergunta, na vizinhança. Se não me engano, chamava Leka, elas vieram no mês que a gente estava fazendo a preparação lá, eles estavam no bairro tirando informação como era a família, como vivia a família, por que era a prefeitura que estava contratando uma pessoa para por ali

dentro, então para saber que eu vou por lá, mas eu estou contratando uma pessoa boa, mas tem um naquela família lá que é, sei lá, é diferente, é estranho maluco, eles vieram investigar. Daí depois que a própria diretora contou para a gente.

9. O que você pensa da Educação infantil?

A educação infantil é a base, é a preparação de tudo. Por que a educação infantil, que nem eu mesma tenho a minha filha que ela falava assim que queria ser professora, ai eu falava assim, a filha pra ser professora da educação infantil tem que ter uma dedicação total, por que só pelo dinheiro, só pelo cargo, só pela conveniência, isso é besteira, por que a educação infantil é a preparação da criança, então a criança tem que pegar amor no estudo e por tudo, na educação infantil, por que se ele não gostar da educação logo no começo, depois ele nunca vai gostar de frequentar uma sala de aula, uma faculdade, um ensino médio, ou qualquer outra coisa, porque ele não tomou o gosto. Por que tudo na vida vai se construindo e a educação infantil é a mesma coisa, então a educação infantil precisa de muita dedicação, que nem hoje em dia a gente vê, tem pessoas dedicadas e não dedicadas, então é aí que está, eu falo assim, hoje em dá, a educação tem um conflito entre a educação na escola e a educação na casa. Tem pai que não, que se dedicam, por que na escola os pais jogam assim, a não, a escola tal educando, daí o professor fala assim a educação são os pais que tem que dar, não vai se encaixar, então por isso que precisa de um diálogo entre os pais, os professores, de todos. Por que os pais têm que continuar o que os professores fazem e os professores tem que entender e falar a mesma língua dos pais, daí eu acho que você vai gerar um bom cidadão. Por que a educação infantil é a base de tudo.

10. Para você quem pode trabalhar com criança?

Olha, eu falo uma coisa, para a creche eu acho que antigamente, o magistério, para a creche seria o suficiente, o magistério. Por que eles são muito pequeninhos, depois daí já vem no pré-zinho, por exemplo, aí sim a faculdade.

11. Há diferença entre o educar e o cuidar?

O certo seria os dois juntos, cuidando e educando, por que tem a diferença, por que se você está cuidando de uma criança você está se dedicando a ele, e se você está ensinando ele, então eu acho que os dois tem que estar junto, não pode haver conflito. O cuidar e o educar tem que estar junto. Principalmente os menorzinhos, e os maiorzinhos também porque eles querem dedicação dos professores, eles querem carinho, querem atenção, tem uns que são muito levados, mas eles fazem isso para chamar atenção, então por isso tem que ter um jogo de cintura com eles, ser professor não é um cargo fácil.

12.O que você acha da expressão mãe crecheira?

Eu, no meu caso, como eu fui mãe crecheira, eu acho legal. Coisas boas, muito boas, foi uma época muito gostosa. Apesar que eu adoro criança, foi uma experiencia muito gostosa, eu criei 3 filhas, apesar que a mais nova que completou 20 anos agora foi bem depois disso, por que eu fui mãe crecheira por 3 anos e pouco, não chegou a 4 anos, por que daí saiu a creche no bairro que é o 69, daí a gente já prestou concurso e foi para lá, a gente continuou mãe crecheira, já presou concurso, porque a gente entrou como clt coisa de emergência por que as mães estavam gritando, vaga em creche vai ser sempre assim.

ENTREVISTA M. (Mãe Crecheira)

1. Como você começou a atender as crianças?

Então, nós começamos a cuidar das crianças na casa nossa, em 89, aqui não tinha nada, aqui era só um bairrinho, muito pobre, carente, era só barraco que tinha, nem esgoto não tinha, nem luz direito, estava começando ainda a abri o bairro. Daí a gente veio e começamos a cuidar das crianças, mas tudo pela prefeitura, aí eu me inscrevi. Quando eu fui me inscrever pra por minhas crianças na creche, por que eu queria trabalhar pra ajudar, ai a moça fez a ficha das minhas meninas ai quando eu cheguei em casa meu marido falo “não, você vai lá e tira o nome das meninas por que não vai ficar tirando vaga de ninguém, porque eu não vou deixar as crianças na casa dos outros que a gente não conhece como que funciona” ai eu peguei e cheguei na creche e falei pra Leca que era a orientadora que tinha na época ai eu falei assim: “ ai Leca, eu vim tirar o nome das minhas meninas por que meu marido não quer que eu deixe minhas meninas na casa dos outros que a gente não conhece a pessoa, não é uma creche convencional, assim, lugar que tem professor tem todo mundo ali junto” Ai ela falou assim “ Ai Marina por que que você não faz a ficha pra ser mãe crecheira, por que você tem um jeito assim tão bonito de cuidar das suas filhas que eu gostei” e ela era administradora, ai eu falei assim” Ah, mas eu não sei como que faz” e ela: “ é só você fazer a ficha e se tem um cômodo na sua casa?” E eu: “ Tenho dois cômodos, por que a casinha que a gente comprou é bem simplesinha, nem piso não tem, a gente vai colocar ainda” ela falou: “ Então você faz a ficha e quando for recolher para ser mãe crecheira a gente põe você na frente” Aí foi assim que aconteceu. Ela fez a minha ficha aí 8 meses comecei.

Aí foi para minha casa 8 crianças, 7 de 1 ano a 6 anos e 1 de menos de um ano, bebê. Aí nós cuidávamos deles, ficava das 7:30 até 5:30 na casa da gente, aí 2 horas, no meio do dia ia a monitora para dar atividades para eles. Ai nesse meio de tempo ficava só com a gente as crianças, a gente dava banho, café, almoço, lanche e depois janta, aí 5:30 as crianças iam embora. Ai a casa da gente era uma crechinha assim bem simples mas tinha o colchonete que eles dormiam, tinha o carrinho do bebe, tinha o berço do bebe dormir. Nossa, menina, era muito gostoso sabia? Eu lembro até hoje com as minhas meninas gostavam, e elas também ficavam ajudando a brincar com as crianças, a cuidar deles. E aí quando a gente

soube a notícia que ia fazer essa creche aqui, que até o Pannunzio que fez tudo aqui, essa escola. Aí tenho tanta saudade daquele tempo sabe? Que o prefeito entrou e foi mudando a situação que aqui era muito pobre esse bairro, aí a gente fez uma reunião com a Maria Inês e ela falou assim: " oh gente, nós vamos construir uma creche aqui no bairro de vocês e aí vai abrir concurso, aí vocês fazem o concurso e vocês vão para a creche" daí foi o que aconteceu, fizeram a creche e a gente veio tudo para a creche. Fizemos concurso e passamos. Veio eu, veio minha colega lá, tudo. Viemos para a creche e estamos até hoje. Era eu a Elza e a Cecilia. E era assim, a gente era como se fosse a mãe deles na verdade, que era mãe crecheira que dava o nome do projeto e a gente trabalhava pela assistência social, na promoção social. Ai depois a gente entrou pela secretaria de educação.

2. Quantos adultos por crianças?

Era só nós e a família da gente que estava em casa e ia 2 horas a monitora passar atividade para as crianças. Ela dava uma atividade pedagógica, trazia eles, às vezes, para a sede. E ficava todo mundo junto.

3. Como era a alimentação das crianças?

A alimentação era normal. A prefeitura mandava uma cesta básica, com os alimentos básicos todo mês depois, nas terças mandava fruta, verdura, carne para as crianças. Antes era uma merreca, depois que entrou o Pannunzio daí que aumentou. Mas daí a gente já não separava nada, a gente fazia tudo junto para as crianças da gente. Se eu ia fazer uma sopa meu marido ia lá no sacolão e trazia os legumes e eu misturava e aumentava a sopa e todo mundo comia junto, para não ficar aquele negócio, a comida dos meus filhos, comida das crianças não. Todo mundo junto ali igual.

4. Quem fazia a comida, eram alimentações diferentes para cada idade?

Tudo eu que fazia, não tinha comida separada, no almoço o menor comia sempre aquele caldinho de feijão com arroz, um legume refogado, a carninha deles, mas a sopa era tudo junto também. Tinha o "mama" do neném que era separado o leitinho dele, os grandes não bebiam aquele leite.

5. Como era a relação com os pais?

Era ótima, as mães muito boas, gostavam de mais da gente, graças a Deus, eu no caso, nunca tive problemas com os pais, sempre tive muito boa relação com os pais das crianças.

6. Como eram os móveis da casa? Havia um preparo para receber as crianças?

Eram os meus, normal. Não tinha nada preparado A gente tinha que usar os moveis da gente, que era a geladeira da gente, tinha que ter geladeira liquidificador, batedeira, por que toda semana tinha que fazer um bolo para eles comerem. No dia dos aniversariantes eu fazia um bolo para eles, até enfeitava, não era para enfeitar, mas eu tinha dó, aí eu enfeitava o bolinho deles, comprava o refrigerante. A orientadora liberava que podia, aí eu comprava o refrigerante e fazia a festinha deles do aniversário.

7. Quem fazia a limpeza?

Eu mesma, sozinha. Eles falavam que podia ter empregada, mas eu não tinha, eu segurava tudo sozinha. A gente limpava tudo de noite, amanhecia tudo arrumadinho, tudo gostoso, ah como eu tenho saudade.

8. Quais eram os procedimentos em casos de crianças doentes?

Ah então, quando ficava doente a gente avisava a monitora, aí a monitora vinha para a sede e a diretora chamava os pais. A gente não tinha telefone dos pais nem nada, na época nem telefone tinha. Ai quem entrava em contato era a administradora da creche. Aí vinham buscar.

9. Como era a supervisão da Prefeitura?

A assistente social vinha todo mês na casa da gente, via as crianças, conversava com a gente. Na época tinha umas duas ou três que visitavam a gente.

10. Tinha exigência para ser mãe crecheira?

Tinha, tinha sim eles exigiam que a gente tivesse a casa bem limpa, que tivesse uma relação boa com a família, que fosse um casal que o marido não bebesse, a gente não fumava perto das crianças, eu não fumava mesmo, mas não podia fumar perto das crianças, se o marido fumasse era para se ausentar da criança no momento que fosse fumar. Então se soubesse que o meu marido bebia, no meu caso não era, mas teve uma amiga minha que teve problema com o marido que brigo com ela na frente das crianças, teve uma arruaça, mas eu não, graças a deus, meu marido não era de brigar comigo, nem nada, a gente vivia bem tudo, mas eles exigiam que o marido não bebesse álcool nem fumasse perto das crianças. Então graças a Deus no meu caso ninguém nunca bebeu nem nada.

Precisava ter uma casa de no mínimo dois cômodos, um banheiro com esgoto, luz tudo ligadinho, tudo arrumadinho, geladeira, liquidificador, banheiro dentro de casa, tudo arrumadinho. Higiene também, a casa tinha que ser bem limpa, se elas viessem visitar, na minha casa nunca falaram nada, mas teve casa que elas ficaram brava por que tem mãe crecheira que as vezes fica cansada aí não dá, com 8 crianças dentro de casa não dá para deixar a casa de qualquer jeito.

11.O que você pensa de Educação Infantil?

Eu penso que é bom, que está ótimo, por que mudou muito, do jeito que está agora está maravilhoso. Do jeito que era não dava. Na época mesmo que a gente trabalhava era muito difícil, as crianças não tinham nenhum conhecimento, era só aquele pedacinho ali. Então depois que abriu essa creche que viemos tudo para a creche mudou muito, ficou muito melhor, eu acho ótimo essa ideia de educação infantil.

12.Quem pode trabalhar com criança?

Gente que tem amor no coração, gente que ama criança e que gosta de criança que eu acho por que, não querendo criticar ninguém, mas tem pessoas que tem diploma, mas não tem amor para cuidar, por que para trabalhar com criança não é de qualquer jeito, criança merece um pouco de atenção, procurar entender eles, então eu acho que para trabalhar com criança tem que amar criança, não basta só ter o diploma de professor e dizer eu sou formada e arrumar trabalho para as crianças. A gente vê tanta coisa hoje em dia

13. Há diferença entre o Educar e cuidar?

Existe, existe por que, educar é... quer dizer, é uma coisa ligada com a outra, por que você vai cuidar educando, você cuida com educação, você vai passar educação, por que se você cuidar da criança de qualquer jeito você vai ensinar a criança a cuidar de outra pessoa de qualquer jeito também, por que a criança sente aquilo, então educar e cuidar é um conjunto, no meu ponto de vista. É o que a gente faz com o filho da gente né, você cuida deles, mas você educa também.

14. O que você acha da expressão “mãe crecheira”?

Eu gostava, traz uma coisa boa, por que eu gostava do que eu fazia, então para mim traz sim, eu gosto.

APENDICE D – ENTREVISTA SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

ENTREVISTA FLAVIANO AGOSTINHO DE LIMA

1. Qual sua definição de criança, creche e pré-escola?

Inicialmente, prefiro usar o substantivo feminino “concepção” ao invés do substantivo também feminino “definição”. Definição nos leva a pensar em algo exato, com limitação precisa, estática, enfim, rigorosamente definido o que, em minhas reflexões no campo da educação, seria inadequado. Portanto, procuro conceber a ideia de que a criança, para muito além das “definições” tradicionais ou mesmo jurídicas como o uma etapa da vida e do desenvolvimento humano, precisa ser vista como um sujeito histórico, cultural, social e de direitos. Muitas vezes se confunde a concepção de criança com a de infância, que são distintas. Gostaria de avançar mais, pois um tema apaixonante. Porém, assumo que se trata de uma concepção sempre em construção e não estática e numa entrevista precisamos ser objetivos dada a amplitude das questões abordadas.

Quanto à creche e pré-escola, não vejo maiores problemas em expor uma definição pois, em função das questões desta entrevista, serão usados dados que se reportam a uma legislação que é determinística. Inicialmente, tanto a creche como a pré-escola integram a educação infantil, a qual constitui a primeira etapa da educação básica brasileira segundo a nossa legislação. É o que se busca. Mas na prática, a realidade em grande parte do país é outra.

Etimologicamente a palavra creche origina-se do francês *crèche* que significa manjedoura, berço, abrigo de crianças. E assim persiste essa denominação pela cultura, tradição e legislação. As creches nasceram na Europa como instituições isoladas das escolas (ou não) para atender as mães trabalhadoras, enfim, ligadas às modificações do papel da mulher na sociedade e seus reflexos no âmbito familiar, notadamente a partir do século XVIII. No caso brasileiro, acentua-se com um perfil ainda assistencialista quando relacionado às mães e famílias pobres. No caso do Brasil, há não muito tempo, o foco das creches era apenas o de cuidar, alimentar, ações de higienização, etc. Não havia sentido educacional. Infelizmente em nossas creches (pois a grande cobertura do Brasil é pública), concretiza-se uma aguda divisão social, que persiste, ficando nelas as crianças mais pobres e necessitadas. As mais ricas ficam em suas casas e seguem à escola a partir dos 3 ou 4 anos, entrando não em creches (que carregam o estereótipo voltado ao atendimento de

crianças pobres), mas nas escolas privadas e elitistas que utilizam outras nomenclaturas, como por exemplo “maternal” (para 0/1 ano) e “infantil I, II ou III” (para idades de 1 a 3 anos). O grande desafio em nossas creches é cumprir a legislação e se implantar processos pedagógicos que contemplem o trinômio educar, cuidar e brincar voltado ao desenvolvimento integral da criança.

Já a pré-escola, pela legislação, é o segmento da educação infantil que cuida das crianças entre 4 e 5 anos, fase posterior ao atendimento em creche e anterior ao ensino fundamental.

2. Na sua opinião, qual o papel da Educação Infantil?

Na resposta anterior acabamos por caracterizar todos os segmentos que constituem a educação infantil enquanto a primeira etapa da Educação Básica e cujo papel, no meu pensar, é propiciar as condições plenas para o desenvolvimento da criança até os 5 anos de idade, em todos seus aspectos, como físico, afetivo, psicológico, intelectual e social buscando complementar a ação da família e da comunidade. Neste sentido é fundamental que se avance na construção e aprimoramento um currículo na educação infantil pautado em princípios éticos, estéticos e políticos previstos nas diretrizes curriculares nacionais, contemplando toda a diversidade de nossa sociedade.

3. Enquanto secretário de educação foi possível atender toda a demanda por creche na cidade? Se não, quais ações foram feitas para atender o excedente?

As políticas educacionais de Sorocaba nos últimos 10 a 12 anos foram muito cuidadosas quanto ao atendimento da demanda da educação infantil, já tendo conseguido a cidade universalizar o atendimento das pré-escolas (atendimento de 100%) em 2014 antes mesmo do prazo legal, além de atingir uma cobertura pública de creches de 50% do total de crianças entre 7 meses e 3 anos (Seade), estimadas entre 28.000 crianças, percentual este dos mais altos para cidades do porte de Sorocaba, ao menos no Estado de São Paulo.

Entre novos Centros de Educação Infantil (CEI's) ou sua ampliação somente entre 2013 e 2016 foram entregues 20 novas obras, sendo geradas 4.109 novas vagas entre berçário e creche. Estamos falando em um aumento de 25% de novas

unidades de educação infantil, que passaram de 78 para 98 CEI's e 49% de novas vagas nessas instituições, fato inédito na história da educação de Sorocaba, saltando de 8.382 para 12.491 vagas nas creches municipais. Também foram aumentadas mais 354 novas vagas por meio de convênios com creches filantrópicas. Somadas essas ofertas, foram 4.463 novas vagas.

Portanto, quando se consideram as vagas públicas e conveniadas pelo município, houve um aumento de 46,5% partindo de 9.604 matrículas em dez/2012 para 14.067 alunos matriculados em berçários e creches ao final de dez/2016, sendo 80% das vagas em tempo integral. Quando somadas a oferta privada, estimada em 3.500 vagas, o total da oferta no município é de 17.567 vagas ou 62,7% do total de crianças entre 7 meses e 3 anos de idade estimadas em 28.000 pessoas como já mencionado.

Além disso transmitiu-se ao novo governo municipal iniciado em 2017 projeto para construção de 23 novos CEI's, inclusive com terrenos definidos e pleitos formalizados aguardando liberação de recursos para construção junto aos Governos Federal (FNDE) e Estadual (FDE), totalizando mais 3.414 novas vagas, o que se espera seja dada continuidade.

4. Você percebeu um aumento de matrículas nas creches públicas de Sorocaba, o que levou esse crescimento?

Conforme descrevemos na resposta anterior, sem dúvida houve um forte aumento de vagas públicas, tanto em termos absolutos como relativos, ou seja, quando fazemos a proporção percentual do total de vagas em creches em relação a população estimada de crianças entre 7 meses e 3 anos.

Como exemplo, no ano 2000, o total de vagas nas creches públicas municipais em Sorocaba era de 1.714 crianças matriculadas e na rede particular era de 894, totalizando 2.608 pessoas (ou seja 65,7% da oferta era pública e 34,3% era privada) segundo dados do Seade. E o total de pessoas entre 7 meses e 3 anos em 2000 era um pouco maior do que atualmente, de 29.780 pessoas. Contudo, a cobertura de vagas públicas era de apenas 5,8% do total, sendo a oferta total de apenas 8,76%. Atualmente a oferta pública responde por 50% dessa faixa de população infantil. São múltiplos os fatores que levaram a esse crescimento. Dentre eles destaque (sem prejuízo de tantos outros), as modificações do papel da mulher na sociedade que

aumentam a demanda por creches, a necessidade orçamentária, a qualidade crescente das creches construídas no município de Sorocaba, a maior qualificação dos professores e das equipes de suporte pedagógico como Diretores, Vice-Diretores, Supervisores de Ensino e Orientadores Pedagógicos (o mesmo com relação a todos os demais profissionais, como os Auxiliares de Educação e todos os demais colaboradores), pelo projeto pedagógico em constante aprimoramento, pela infraestrutura que contempla material escolar, merenda, segurança, limpeza e tantos outros recursos, que levam a uma nova percepção de qualidade e, conseqüentemente, a compreensão de que nossas creches focam no binômio cuidar-educar e não somente na visão assistencialista.

Há que se registrar, também, a pressão pelo aumento de vagas em função da judicialização promovida pelas Defensorias Públicas, fenômeno crescente nos últimos 5 ou 6 anos, mas fundamental para garantir o direito à educação, seu acesso e permanência.

5. A Proposta Pedagógica ofertada nas creches municipais contribui para o aumento das matrículas nas creches públicas municipais de Sorocaba?

Sem dúvida a proposta ou projeto político-pedagógico (PPP) que é executado em nossa educação infantil contribui positivamente e de forma intensa para o aumento das matrículas. Aliás, tem um papel estratégico para que as mudanças desejadas venham se realizando. Há um processo democrático de participação de todos os profissionais da educação e familiares na construção dos projetos pedagógicos. Exemplos recentes como o Plano Municipal de Educação, o Plano Municipal pela Primeira Infância ou, no caso específico da Rede Municipal de Sorocaba, com a construção do Marco Referencial. Esse movimento de participação democrática precisa crescer e se aprimorar. Portanto, essa qualidade que advém também do PP transborda para a população que passa a confiar na qualidade das creches, ficando ainda mais seguras para matricular seus filhos nas creches.

6. Como foi a elaboração do plano da Primeira Infância e quais foram suas colaborações?

Importante resgatar que o processo de elaboração do Plano Municipal pela Primeira infância (PMPI) foi realizado de forma participativa, com engajamento de muitas

Secretarias Municipais e também da Sociedade Civil entre 2014 e 2016. De modo particular e antes mesmo de assumir a Secretaria da Educação em maio/2015 já integrava as equipes trabalhando na realização de pesquisas e levantamentos de dados sociais e estatísticos visando construir o diagnóstico levado à debate na construção do PMPI.

Todo o processo de construção e seus documentos estão públicos no site <http://www.sorocaba.sp.gov.br/primeirainfancia/> Foram realizadas oficinas e houve intensa participação dos orientadores pedagógicos da rede municipal.

Contudo, quando enviado à Câmara Municipal para aprovação e transformação em lei, o que se efetivou no final de 2016, houve uma mudança substancial do texto original devido às questões de gênero.

7. As creches públicas de Sorocaba estão adequadas fisicamente e com propostas pedagógicas de acordo as propostas de qualidade previstas em documentos com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil para receber com oferta de ensino de qualidade a todos os alunos matriculados?

As creches municipais de Sorocaba vêm dando um grande salto de qualidade de infraestrutura, tanto no aspecto dos novos projetos arquitetônicos, quanto das reformas realizadas nos últimos anos com o Programa Escola Bonita. Buscou-se adequar às exigências, além das demandas sugeridas pelos Supervisores, Diretores, Professores, etc. É claro que ainda há falhas, especialmente quanto aos procedimentos de reformas motivadas pela grave crise do Brasil que reduziram os repasses da União, como o FUNDEB, somadas à arrecadação própria também em queda.

Um exemplo é o projeto de acessibilidade total das instituições escolares. Alguns poucos CEI's, dentre eles os mais antigos, ainda aguardam a reforma. Mas sem dúvida há muito o que se fazer.

8. Resumidamente como você escreveria a história do atendimento da creche em Sorocaba, seus avanços e suas dificuldades.

A Educação é um desafio político inestimável. Não é somente financeiro, embora seja este um enorme problema pois os recursos são muito escassos, ainda que se possa melhorar bastante a gestão pública e a eficiência como um todo e reduzir a corrupção no país. Não basta falar em priorizar a Educação e dizer que se atende o percentual mínimo constitucional de aplicação de 25% das receitas correntes líquidas, pois esse percentual é insuficiente à demanda, à garantia dos direitos de acesso e permanência e à qualidade almejada. É, portanto, uma escolha e há que se parar com tanta demagogia e discurso, inclusive no meio acadêmico-científico. A qualidade desejada para a Educação, que passa pela valorização dos profissionais (tanto política como salarial), pelos investimentos crescentes, certamente irão drenar de áreas importantes como saúde, segurança ou obras públicas, sem dizer outras pois difícil aplicar uma hierarquia. Falo com absoluta tranquilidade e segurança. Como mencionado, a população precisará escolher o grau de priorização da educação tendo clareza de que toda escolha implica na renúncia a outra.

Em Sorocaba, considero como precursores dos atuais CEI's os Parques Infantis ou Jardins de Infância criados na década de 50, começando pelo então Distrito de Votorantim (antes de sua emancipação), Cerrado e Vila Santana. Na década de 70 os Parques Infantis foram transformados em Centros de Educação e Recreação Infantil e depois Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI). Neste período também que existiam as ainda lembradas "PEM-SO", ou seja, as pré-escolas municipais de Sorocaba. Mas esses estabelecimentos não atendiam a idade voltada às creches, ou seja, eram voltados ao equivalente à pré-escola para crianças entre 4 e 6 anos.

No final da década de 80 e inícios dos anos 90, verifica-se a celebração de vários convênios com entidades assistenciais para o atendimento de creches, voltados especialmente às mães trabalhadoras ou famílias carentes, inclusive com doação de terrenos ou cessão de próprios municipais. É certo que essas entidades até hoje, em grande parte, mantêm seus convênios com a municipalidade e também passaram por processos de qualificação e supervisão.

Ainda no início dos anos 90 foram criadas as primeiras instituições públicas municipais voltadas ao atendimento da faixa escolar de creche, ou seja, para crianças entre 7 meses e 3 anos, tanto que nos registros do Censo Escolar de 2000 são apenas 1.714 crianças matriculadas em Creches, crescendo substancialmente em 8 anos de governo do Prefeito Vitor Lippi (PSDB) para 8.382 (2012) e outro salto

em apenas 4 anos no governo do Prefeito Antônio Carlos Pannunzio (PSDB) para 12.491 alunos matriculados (2016), sem considerar ainda as vagas conveniadas com entidades filantrópicas de 1.518 vagas.

9. Em seu ponto de vista, o que esperar da Educação Infantil principalmente creche para atendimento em qualidade em Sorocaba (o que falta, quais desafios priorizar, quanto tempo?)

Tenho uma confiança muito grande na qualidade e comprometimento dos profissionais da educação infantil da rede municipal de Sorocaba dentre os Supervisores de Ensino, Diretores e Vice-Diretores de Escolas e CEI's, de Orientadores Pedagógicos, Professores de Educação Básica, Auxiliares de Educação e todos os demais técnicos da educação municipal. Há um nível de formação e qualificação crescente que garantirão o gradual aumento da qualidade em nossas creches, sabendo da luta travada para que as políticas públicas educacionais sejam efetivas de forma democrática e participativa. Ao lado disso, é fundamental a participação crescente de pais, familiares e também da sociedade civil na cobrança dos agentes políticos, desde o Prefeito, Secretários para priorizar investimentos nas creches e até nas demais esferas como no Governo Estadual e Federal para garantir repasses à educação infantil e aplicação eficiente de recursos, considerando as escolhas que devem ser feitas e não serão fáceis pois implicarão em renúncias.

A grande prioridade e desafio ainda é o acesso com qualidade, de forma que a demanda total, que estimo para a municipalidade entre 65% a 75% da população total entre 7 meses e 3 anos o que representa, respectivamente, entre 18.200 e 21.000 vagas (os demais serão atendidos pelas creches privadas considerado o poder aquisitivo ou mantidos em casa pelos familiares, dada uma cultura estabelecida que vem se revertendo ao menos quando a criança completa 2 anos e as creches são mais procuradas). Considerando que atualmente já se atende 14.600 crianças nas vagas públicas e conveniadas, ainda faltam estimadas 3.600 vagas podendo chegar a 6.400 vagas ao longo dos próximos anos (sendo que aqui não estão considerados fatores como aumento da migração e outras variáveis). Prazo? Calculo entre 4 a 8 ou 12 anos desde que se tenham os recursos para investir e manter toda a estrutura.

10. Quando você assumiu como secretário?

Eu assumi como secretário interino em maio de 2015 para substituir o professor Simões que havia viajado. Depois, diante do pedido de exoneração pelo Prof. Simões acabei permanecendo a convite do Prefeito Antonio Carlos Pannunzio. Conseguimos concluir o Plano Municipal de Educação e ficamos até dezembro de 2016.

11. Qual maior desafio do seu mandato?

Eu cheguei no sentido de dar um apoio ao professor Simões que precisou viajar devido a uma questão familiar. Neste período estava sendo elaborado o Plano Municipal de Educação do qual, de uma certa maneira eu já vinha apoiando o Conselho Municipal de Educação (CME) com as pesquisas que faço, especialmente levantamento de dados, de modo que fosse possível construir uma série histórica da evolução da educação em nossa cidade. Na referida oportunidade mantive com a professora Laurita e com o professor Alexandre Simões, que é o atual presidente do CME. Isto tudo ocorreu quando eu ainda era Presidente do Parque Tecnológico, entidade que também apoiou a elaboração do Plano Municipal de Educação. Penso que por todo esse envolvimento o Prof. Simões pediu que eu o substituísse. Assim, considero que o maior desafio na minha gestão foi concluir o processo de elaboração do PME e conseguir aprova-lo na Câmara Municipal de Sorocaba, o que ocorreu por unanimidade dos vereadores. Importante salientar o profundo debate em função do PME, desde garantir a participação da sociedade, revelar os referenciais teóricos e metodológicos que são fundamentais nessa construção, ao lado de um debate político com linhas ideológicas bastante claras e opostas, envolvendo partidos políticos e entidades altamente politizadas que participaram desse processo do qual, aos poucos, procuramos mediar todas essas tensões no sentido de conseguir a construção dessa legislação. Foi um processo muito difícil e aberto a toda população, o que garantiu participação, envolvimento e comprometimento com relação a todo o PME. Tivemos, também, momentos riquíssimos nas plenárias de construção até que a gente chegou num projeto de Plano Municipal de Educação que foi levado a Câmara Municipal, sendo aprovado praticamente da maneira enviada e, conforme mencionamos, por unanimidade.

Quanto ao PME foram necessários ajustes técnicos de redação da minuta de lei e mesmo de algumas estratégias que estavam inseridas no plano, sem associação às possibilidades orçamentárias num prazo de 10 anos. Ao meu ver esse foi o grande problema, ou seja, a falta de associação com o orçamento. Do mesmo modo que é muito importante e rico a gente sonhar, é fundamental, nós não temos garantidos elementos para que determinada estratégia ou mesmo uma meta aprovada possa ser executada ao longo de 10 anos. Este foi um dos pontos ao qual, numa das assembleias do PME, levei um documento escrito que foi lido e publicado para todos os congressistas do PME que lotavam o ginásio da Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas sobre a falta de alinhamento com as possibilidades orçamentárias do município, bem como a falta de envolvimento da União e do Estado que precisam se comprometer com recursos para a realização das metas. Em que pese a falta dessa amarração orçamentária, o que alertamos e agora ocorre, o PME ficou bastante rico. Passados 2 anos de sua aprovação o PME vem sentindo a falta de recursos para sua total implementação.

12.O que você considera sua maior realização para a Educação?

Todo dia eu me faço essa pergunta. Eu acredito que foi no modo de conduzir a gestão dentro da Secretária da Educação (Sedu). Mais do que olhar um resultado, seja a expansão de vagas em creche ou readequações que a gente fez dentro da secretaria, o grande ganho foi a forma implementar na prática uma gestão efetivamente participativa focada em resultados. Sempre tomei muito cuidado em ouvir todos os segmentos dentro Sedu, que é um organismo muito grande. São mais de 5.500 profissionais, desde o suporte pedagógico, Supervisores de Ensino, Diretores de Escola, Vice-diretores, Orientadores Pedagógicos, os Professores da Educação Básica 1 e 2 até auxiliares de educação e demais técnicos, servidores e estagiários. Penso ter focado muito essa capacidade de fazer uma gestão participativa, aberta, transparente, e que a gente pudesse, dentro da Sedu criar uma identidade, uma cultura de forma que as mudanças de governo não venham a prejudicar tanto o encaminhamento da gestão da secretaria como um todo. Espero que os profissionais hoje possam perceber isso, que a gente abriu muitas instâncias de diálogo, de construção, ouvimos muito e sempre, consideramos todas as posições, tanto que, por exemplo, quando nós tivemos a reordenação da educação

pelo Estado também em 2015, por recomendação de todos os Supervisores de Ensino procuramos resolver uma questão da nossa estrutura educacional municipal que era a oferta do ensino médio, o qual não é obrigação do município e gerava uma desigualdade de oferta. Ouvimos outras áreas técnicas, inclusive o CME e definiu-se descontinuar gradativamente a oferta do Ensino Médio que passou a ser responsabilidade do Estado. Foi um processo difícil, doloroso, impopular, mas necessário, pautado por intenso diálogo, inclusive com o Ministério Público.

Outra ação importante foi a reestruturação da escola em tempo integral focada numa estrutura pedagógica diferenciada pra que nós tivéssemos uma educação ainda mais estruturada, aproveitando o verdadeiro conceito de escola integral em tempo integral, ou seja, trabalhando novos conteúdos, novos eixos, enfim, para que o aluno tivesse naquele momento não só um espaço-tempo relacionado ao aprendizado, mas um aprendizado inovador e motivador por meio de estratégias mais lúdicas, por professores mais capacitados. Tanto que em nossa proposta viabilizamos efetivar professores da Educação Básica exclusivamente na escola em tempo integral, que deixou de ser um projeto e foi realmente assumida como escola integral em tempo integral dentro da Sedu.

13. Qual o papel do auxiliar de educação e do estagiário dentro da creche?

Todos nós caminhamos no sentido e garantimos que toda classe, na creche, tenha seu professor responsável. Acredito que essa estrutura com um professor, um auxiliar de educação e um estagiário é bastante rica, desde que muito bem planejada. O estagiário não pode estar ali para cobrir a falta do professor ou a falta do auxiliar de educação. Ele está lá para ganhar no seu aprendizado e na sua formação e contribuir com seus conhecimentos no processo educativo.

O Auxiliar de Educação também é muito importante, sendo que ele precisa avançar na sua qualificação, nos seus conhecimentos. O Auxiliar de Educação proporciona um apoio essencial ao professor para que ele possa desenvolver ainda melhor toda a potencialidade da criança. Então acredito que a gente precisa buscar maior harmonia e integração, o que vem ocorrendo paulatinamente.

14. Qual o papel da gestão pública?

A gestão pública se realiza nessa construção cotidiana da educação e é realizada e tensionada com os professores, técnicos, ouvindo as famílias e as crianças,

otimizando as condições orçamentarias existentes, etc. Neste sentido os referenciais teóricos e metodológicos são essenciais.

Um dos desafios de grande complexidade foi a judicialização. Qualquer proposta pedagógica mais ousada que se desejasse ela era pressionada pela judicialização que quebrava toda estrutura planejada. Temos uma relação entre número de crianças, de adultos, de auxiliares para que tudo funcione adequadamente.

15. Na questão da judicialização e do grande número de crianças em sala de aula, você vê alguma solução para esse problema?

É fato que a judicialização prejudica qualquer planejamento e não vejo no curto prazo solução para essa questão. Se não houver um planejamento fica difícil o atendimento com padrões mínimos de qualidade. Da mesma forma a Prefeitura, por meio da Sedu, que se organiza para uma determinada demanda de alunos e, se essa demanda começa a crescer de maneira muito significativa acaba por prejudicar todo o processo. Estamos diante de um dilema: precisamos dar acesso a essas crianças, enfim, precisamos universalizar as vagas em creche, porém, pela legislação vigente a meta é atingir 50%. Tem-se claro que, pela Constituição Federal, que a vaga em creche é direito de toda criança. Uma vez definido isso, acredito que cabe ao Estado e a União suplementar essa oferta e aumentar repasses aos municípios porque as prefeituras sozinhas não têm condições, atualmente, de assumir e conseguir oferecer o atendimento de 100% da demanda de vagas. No caso de Sorocaba, temos cerca de 28 mil crianças de 7 meses a 3 anos. Gerar vagas e um processo educacional e infraestrutura para toda essa demanda não é simples. É preciso um projeto, um plano de infraestrutura, garantir profissionais qualificados enfim, é um processo complexo e de elevado custeio orçamentário o qual, no momento pela crise que assola o Brasil é quase inviável sem o sacrifício de outras áreas.

Segundo minhas estimativas devemos ter uma demanda reprimida de aproximadas 4 mil crianças. Nosso desafio é gerar essas vagas sem ter que atender a demanda da região ou de outras cidades. Estudos indicam um processo de migração de crianças de cidades lindeiras a Sorocaba, como Votorantim, Araçoiaba da Serra, Salto de Pirapora, Itu, Iperó e outras que procuram matricular seus filhos na rede de Sorocaba valendo-se de endereços de parentes.

16. Sorocaba é referência em educação?

O salário dos professores da rede municipal de Sorocaba é um dos mais altos do Brasil. Eu tenho olhado isso para comparar, e tenho procurado olhar sem paixão. Posso dizer que Sorocaba se destaca muito na qualidade. Temos professores bem remunerados, prédios muito bons, capacitações, enfim, temos uma estrutura em que, ainda existindo questões pontuais, quando comparamos com Campinas ou São Paulo, cidades mais ricas que Sorocaba, nossos salários e infraestrutura estão à frente dessas cidades. E hoje quando a gente olha a cobertura que Sorocaba alcançou para cidades do mesmo porte nós estamos bem à frente; mas como eu disse, o problema da educação não é só do município, é de todo o país. Sorocaba tem se destacado bastante nos resultados como do IDEB.

17. Há diferença entre o Educar e o Cuidar?

Boa pergunta, o processo educativo ele..., eu gosto dessas questões teóricas mais amplas, na verdade o educar contempla o cuidar, eu não gosto de dissociar mas, muitas vezes, metodologicamente, é bom colocar isso para ter clareza do processo. Então, eu vou fazer uma analogia que não é da área da educação. Em economia nós dividimos o estudo da ciência econômica em macroeconomia e microeconomia. A macroeconomia cuida da questão dos grandes agregados, da moeda, dos juros, da inflação dentro do país; e a microeconomia estuda os mercados, a formação de preços. No fundo estamos falando de economia e a gente faz a divisão para ter o melhor estudo, compreender e ter um olhar global. Então esse binômio educar-cuidar não é dissociado, tanto que é um binômio, um conjunto, a própria palavra diz isso. Então eu tenho que olhar isso de maneira conjunta, eu não posso dissociar.

APENDICE E – DEPOIMENTO MARIA INÊS

DEPOIMENTO MARIA INÊS PANNUNZIO

Quando meu marido assumiu a prefeitura, em 89, eu, optei por trabalhar, como voluntária, com alfabetização de adultos. Ao mesmo tempo soubemos que as creches, que eram de responsabilidade da Secretaria de Promoção Social estavam passando para a Secretaria da Educação. Juntamente com a secretaria, que na época era a professora Dulcina Guimarães Rolim, fomos estudar para entender o porquê dessa passagem da promoção social para educação.

Visitei as creches enquanto ainda estavam sob responsabilidade da Secretaria da Promoção Social e vi creches muito limpas, com os brinquedos fora do alcance das crianças, e as crianças a partir das 16 horas, já estavam de banho tomado e enfileiradinhas, sentadas no chão esperando, esperando os pais que chegariam às 17 horas. Eu visitei três creches, e percebi uma preocupação muito grande com a higiene do espaço e das crianças, bem como com a alimentação, mas não vi alegria nas creches, não acompanhei nenhuma atividade de brincadeira. Tudo isso me preocupou muito e pensei qual o significado das crianças irem para creche. Estudamos muito o que se entendia por Creche, naquele momento, e o porquê das creches passarem a ser responsabilidade da Educação. A conclusão foi da importância do trabalho educativo, por isso a creche não ficaria mais na Secretaria da Promoção Social, mas seria, inclusive, com verbas da secretaria da Educação que elas seriam mantidas.

Ficamos entusiasmadas quando a nova Secretaria da Educação, Profa. Célia Nardi designou um grupo de pessoas – algumas responsáveis pelas creches existentes e outras profissionais da Educação – para estudo e aprofundamento no assunto Creche.

Estudamos e pesquisamos muito sobre o desenvolvimento infantil e as reais necessidades das crianças de zero a seis anos. Estudamos o significado das creches em uma proposta educativa; visitamos algumas creches e tivemos assessoria direta dos profissionais da creche da USP.

Fomos à Curitiba, conhecer as creches, porque soubemos que nas creches de lá, o espaço físico era muito interessante; fomos, também, conhecer a creche da

USP que tem um espaço fantástico e que foi construída, pensando na interação das crianças. Envolvermos-nos muito com o assunto creche e crianças na creche.

Estudamos os teóricos que deveriam dar suporte para todo o trabalho pedagógico a ser desenvolvido com as crianças, especialmente, Vygotsky, Wallon e Piaget. Oferecemos cursos para os profissionais que iriam trabalhar nas creches. Alertávamos os profissionais que a creche tem uma especificidade, e que não é para trabalhar com crianças de 0 a 3 anos da mesma forma que se trabalha com crianças de 4 a 6 anos nos Centros de Educação Infantil.

Depois de muitos estudos e visitas, elaboramos uma proposta pedagógica para as nossas creches. O projeto das creches foi denominado “Creche & Vida”, pois a vida deveria estar presente na creche.

Naquele momento, em Sorocaba, as creches domiciliares estavam fazendo muito sucesso, inclusive as pessoas da coordenação da efetivação do projeto em Sorocaba estavam sendo convidadas para ir pra outras cidades para falar das creches domiciliares, pois a creche domiciliar ela resolve o problema de vagas num curto espaço de tempo.

O projeto Creches domiciliares ou Mãe Crecheira funcionava da seguinte maneira: a mãe crecheira, poderia ter até dois filhos pequenos e, se ela tivesse duas crianças, ela recebia mais cinco crianças na casa dela e essas crianças ela tinha que alimentar e cuidar, a proposta não era educativa, era só de cuidados. A prefeitura mandava toda a alimentação para essas crianças: frutas, legumes e carnes. As casas eram, normalmente, pequenas e ela recebia, durante 8 horas, cinco crianças.

Com cinco crianças, ela tendo casa para limpar, roupa pra lavar, comida para fazer e, a geladeira ficava cheia de coisas da alimentação das crianças, então, evidentemente que quase sempre, elas usavam aquilo também na alimentação da família, porque não cabiam mais coisas na geladeira, que ficava cheia de alimentos para a comida das crianças. Os bebês dormiam quase sempre na cama do casal. Eu cheguei a visitar mãe crecheira que o marido estava deitado depois do almoço e tinha dois bebês na mesma cama.

Algumas mães crecheiras eram maravilhosas, algumas com dedicação enorme, cuidando de sete crianças durante o dia, cuidando da casa, ou deixando tudo pra fazer depois que as crianças iam embora, então trabalhavam muito. Outro problema é que se elas continuassem trabalhando elas seriam funcionárias

municipais porque eram contratadas pela prefeitura. Como manter essas funcionárias sem um vínculo empregatício com a prefeitura? E, a questão da alimentação, porque ela acabava fazendo para as crianças e para a família a mesma comida, pois não tinham tempo de fazer comida para os bebês, comida para as crianças, comida para a família. As coisas estavam se misturando muito e foi decidido finalizar esse projeto e oferecer vagas nas creches convencionais.

Num primeiro momento foi muito difícil à aceitação por parte dos responsáveis pela efetivação do projeto, porque as pessoas tinham um envolvimento muito grande, mas aos poucos entenderam perfeitamente e começaram a participar dos nossos cursos e entender que criança na creche ela deve ser cuidada e educada, pois a creche deve ser um espaço de educação. Claro que, uma criança de três meses ela tem que ser cuidada, mas ela tem que ser educada também. Ela precisa de um espaço de relações, ela precisa de um espaço estimulante para o seu desenvolvimento. E foi criado o Creche & Vida, que era um projeto pedagógico com fundamentação teórica de como as crianças deveriam ser atendidas nas nossas creches. Foi construída uma creche para os filhos dos funcionários municipais no paço municipal. Construída a partir do modelo da creche da USP, e planejada para atender as demandas pedagógicas. Uma creche que possibilitasse interações entre as crianças, das crianças maiores com os menores e com os adultos.

Depois outras creches foram construídas, nessa mesma proposta. Quando o Pannunzio assumiu, eram três creches municipais, as creches conveniadas e as creches domiciliares e quando ele terminou o mandato eram 17 creches municipais. O projeto “Creche & Vida” estabelecia que fossem professoras que iriam trabalhar com as crianças, elas teriam uma carga horária diferenciada porque como as crianças ficam 10h na creche, então haveria dois turnos de professores.

Na segunda administração do Pannunzio, no início, eu comecei um trabalho com as creches, mas como o número de creches, funcionários e alunos tinham aumentado muito e com toda uma estrutura administrativa, fiz a opção de trabalhar, voluntariamente, com as creches conveniadas.

Foi um trabalho bem interessante, visitei as creches, ofereci cursos, e formamos um grupo de estudo que discutia o atendimento em creche, a cada 15 dias. Nesse período eu fiquei sabendo do trabalho desenvolvido na cidade de Reggio Emília, na Itália. Fui, por conta própria, visitar as escolas de Reggio e conhecer a proposta pedagógica. Depois fui a São Miniato, cidade próxima de

Reggio Emilia, que trabalha com creches conveniadas – o que era importante para eu poder fazer um trabalho mais significativo, aqui em Sorocaba.

Estudei a proposta pedagógica das duas cidades e me encantei porque era muito do que nós já tínhamos proposto para as creches municipais, na década de 90.

Piaget, Vygotsky e Wallon eram os teóricos que davam suporte para a abordagem pedagógica nas creches.

Depois de ir à Reggio Emília, entendemos a importância da teoria das 100 linguagens das crianças de Lóris Malaguzzi, e como nós educadores precisamos estar atentos a essas linguagens, para não bloquear a criatividade, a comunicação e a autonomia das crianças.

Temos claro, hoje, que a creche deve ser um espaço de relações, relações entre as crianças, relações entre as crianças e os adultos e de relações entre os adultos. Piaget já falava que as crianças se constroem e constroem conhecimentos, interagindo com os objetos do conhecimento e com as pessoas. A creche tem que ser esse espaço que possibilite interações entre as pessoas e possibilite interações com os objetos do conhecimento, porque é assim que a criança vai se construindo e construindo conhecimentos.

Pensando que a criança tem que ser protagonista desse processo, eles defendem em Reggio Emília a pedagogia da escuta, escutar a criança, já que ela tem mais de 100 linguagens, nós temos que escuta-la. E, escutar num sentido abrangente, não simplesmente ouvir, mas escutar com todos os nossos sentidos, possibilitando que elas possam experimentar sentir, vivenciar, usar de criatividade, da sensibilidade. É outro olhar para educação e para as crianças, pensando na participação delas, o protagonismo infantil, o respeito, a escuta, o diálogo. É uma proposta que não é só para as crianças de creche, é para as crianças de creche, para as crianças maiores, pra todos nós, se você pensar na importância da escuta.

Nas creches em Reggio tem ateliê, e tem um atelierista, uma pessoa que está lá na creche num ambiente propício para que as crianças usem de criatividade, tenham autonomia, possam criar.

Os projetos nas creches são elaborados coletivamente, não tem um professor que chega com tudo prontinho e propõe atividade para as crianças. Eles constroem, elaboram o projeto coletivamente, a partir dos interesses das crianças, partem daquilo que a criança está envolvida e interessada. O professor está junto com as

crianças, ouvindo, escutando e estimulando para que ela avance nesse processo, elaborando o projeto e acompanhando a efetivação e a avaliação do mesmo. No final do dia as crianças se reúnem e discutem coletivamente o que fizeram. Normalmente, eles trabalham em pequenos grupos, o professor não trabalha com trinta crianças, ele tem um grupo de mais ou menos de trinta crianças, mas são dois professores ou um professor e um auxiliar, um fica com o grupo maior numa outra atividade em que as crianças estão se descobrindo e descobrindo as coisas e o professor trabalha com um grupo pequeno com aquele grupo que está desenvolvendo o projeto. É muito interessante porque o professor pode escutar, realmente, as crianças.

Uma expressão importantíssima nessa abordagem é organização do espaço, tem que organizar o espaço pra que as crianças brinquem e se descubram, construindo conhecimentos, enquanto o professor está com um grupo menor, desenvolvendo um projeto. É importante que as crianças vejam o adulto o tempo todo, até porque se elas precisarem de alguma coisa elas recorrem ao adulto. Organizar o espaço em que as crianças ficam brincando enquanto o professor dá atendimento para outra(s).

Para os pequenos a organização do espaço é feita, também, com os brinquedos. As crianças estão ali brincando e o professor pode dar atenção para uma ou duas crianças dependendo das necessidades. Por exemplo, se vai trocar uma criança, aliás, isso é superimportante, não é a auxiliar que tem que trocar a criança, trocar a criança é um ato educativo, limpar o bumbum, é um ato educativo, não tem que ser o auxiliar, e, sim, a professora, desde que ela organize o espaço e se organize para poder estar com a criança. É um momento que ela conversa, ela olha nos olhos, ela pergunta que roupa o bebê quer vestir, não é simplesmente um ato mecânico de levar para trocar e volta e troca outro, e troca outro, não é isto. O trocador deve ser próximo da sala da professora de tal forma que mesmo que ela esteja trocando uma criança, as crianças a enxergam, então é questão de organização de espaço e de tempo.

A família participa da creche. Família tem que estar presente. Principalmente nos primeiros anos da vida da criança a presença da família é fundamental, a família tem que ser parceira na creche, parceira não só nas festinhas, na organização de festas, na preparação dos materiais, mas presente mesmo, colaborando, participando naquilo que for possível, é participação, não é um trabalho isolado, é

família presente na creche, levando as crianças de manhã, entrando na sala com a criança, se fazendo presente, não só fisicamente.

A documentação de todo o trabalho desenvolvido nas creches, garante não apenas o registro e a memória, mas a possibilidade de reflexão sobre as ações realizadas, de tal forma que as mesmas possam ser replanejadas, sempre que necessário.

Esses princípios das escolas de Reggio Emilia e de San Miniato foram estudados e analisados nos momentos de estudo, de tal forma que os profissionais das creches conveniadas pudessem, dentro do possível da realidade de cada creche, viabilizá-los na prática, tornando o trabalho mais significativo para as crianças, para os adultos e para toda a comunidade.

APENDICE F- ENTREVISTAS PROFESSORAS

ENTREVISTA E.R.

1. Qual seu interesse na Educação Infantil e o que fez com que você seguisse essa profissão?

Eu acho que a Educação ela começa de 0 anos a 6 anos, ali você constrói a base da criança, então para mim, eu queria construir a base das crianças, eu gosto de crianças menores, pequenas.

O que fez eu seguir na profissão é o educar é tentar ajudar as crianças a serem alguém na vida, a melhorar o destino delas, através da educação a gente consegue fazer tudo isso.

2. O que você entende por criança?

Criança tem que ser, eu entendo que criança é bagunceira, é arteira, tem que pular, tem que brincar, tem que gritar, criança é inocente, é uma cabecinha livre para poder construir o que você quer dentro dela, isso para mim é criança.

3. E o que você entende por educação infantil e por creche?

Ah é o ensinar, desde os 0 anos de idade, a criança está aprendendo desde a barriga e tudo o que você ensina vai agregando a vida dela, então a educação infantil é isso.

4. Há diferença entre o educar e o cuidar? Um existe sem o outro?

Não vejo a separação entre eles, eu acho que o cuidar e o educar estão interlaçados, na minha opinião eles estão juntos, caminham juntos. Não tem como você só trabalhar a parte pedagógica, a parte lúdica com a criança e você não ver que ela pode cair daquele brinquedo, que aquela brincadeira pode fazer mal para ela. Então o cuidar também é pedagógico, o cuidar também deixa você mais íntimo de uma criança, você trocar uma fralda, você dar um banho, você fica mais íntimo da criança, a criança pega mais amor em você e você nela, então eles estão interlaçados.

5. Qual o papel do professor da Educação Infantil?

O papel do professor, na minha opinião é observar, é observar o eu desse aluno, a criança que tem nele, prestar sempre atenção na criança, não querer que ela seja adulta antecipado, que ele saiba coisas além do que ele tem que saber, respeitar a fase dele, se ele é pequeno tem que respeitar a fase que ele está, o momento que ele está, então o papel do professor é esse, é respeitar e trabalhar de acordo com o que a criança vai pedindo. A criança ela pede o que ela quer aprender, ai de acordo com o desenvolvimento de cada criança, por que cada criança é de um jeito, tem criança que aprende muito rápido, tem outra que já demora um pouquinho, então o papel do professor é esse, é observar e trabalhar em cima do que a criança precisa.

6. O olhar do professor nasce com ele ou é aprendido?

Ah é aprendido, o professor não nasce com esse olhar não. Eu acho que com o tempo, tempo de você dá aula, tempo de você trabalhar, aí você vai vendo que cada ano é uma turma diferente, você pega uma turma de manhã uma turma a tarde, você vai vendo a diferença que vai tendo entre as crianças, um é mais espertinho, o outro aprende melhor o A, o outro não sabe fazer, o outro tem uma dificuldade maior, o outro apanha em casa, sofre abusos, outro não. Então assim, você tem que aprender, você tem que ter uma delicadeza o professor de educação infantil, não é qualquer pessoa que pode ser professor de educação infantil, que tem jeito para isso, tem gente que vai para a educação infantil e não consegue ficar. Porque não tem esse olhar, mas esse olhar é aprendido sim no dia a dia junto com a criança, o que ela precisa de você.

7. Como era a rotina do atendimento na creche quando você iniciou sua carreira?

A gente tinha, doze ou quinze crianças, não lembro... acho que eram 15 crianças mesmo, eram 15 crianças para dois professores. Na época que a gente começou eles tinham acabado de tirar os agentes infantis, regente infantil ficaram de apoio e só colocaram professor, só tinha professor em todas as fases das crianças, e daí, quando eu comecei, eu comecei no berçário, aí tinha duas de manhã e duas a tarde. A gente entrava das 7 ao meio dia aí entrava a outra turma, outros professores do meio dia as 5. E era tudo o professor que fazia, a gente dava banho, a gente trocava

coco, xixi, dava mamadeira, dava comida e fazia a parte pedagógica, era tudo o professor. Essa era a rotina que a gente tinha.

8. Como era a estrutura física da creche?

Quando eu fui trabalhar, eu fui trabalhar na creche do paço e tinha acabado de inaugura a creche, então a creche era novinha, bonita, tudo em ordem, era para funcionários, hoje eles abriram um pouco mais, mas era para funcionários do paço. Então tinha brinquedo, tinha livro, muito livro, muito brinquedo pedagógico. A estrutura era maravilhosa, não faltava nada. Papel, nossa, tinha de tudo, muito melhor que hoje em dia, hoje em dia não tem nada.

9. Como era a organização das crianças?

Era por idade, mas o corte era 30 de junho, hoje o corte é 30 de março, então a diferença é essa o corte é 30 de março antes o corte era 30 de junho, mas era por idade também. Era berçário 1, berçário 2. Aí era de 4 meses a 1 ano era berçário 1, de 1 ano a 1 ano e meio era berçário 2, aí era por idade.

10. Eles mudavam de sala de acordo com a idade?

Não, no ano não. Só quando eles estavam, assim, numa idade mais avançada. Vamos dizer assim, eles começavam com 8 meses no berçário 1, aí no meio do ano eles já faziam 1 ano e 2 meses, aí já estava na hora de passar por que ele já estava andando sozinho, aí ele já queria morder o bebe que era pequeno, as vezes a gente fazia a transição, mas sempre respeitando a criança. Na época a gente ainda tinha uma Gabi lá e ela não aceitou essa transição e ela continuou com a gente, a gente até tentou leva, mas de uma semana essa menina deixou todo mundo louco no outro berçário, ela chorava e gritava o tempo inteiro, daí resolvemos retroadir e trazer ela para traz de novo, e ela ficou com a gente até o final do ano para que ela não sofresse.

11. Como eram as propostas pedagógicas? Tinha orientação ou cursos?

Tinha, o orientador principal era a Maria Inês, na época, ela era geral de todos. Não tinha orientador na escola na época, era só diretora. Na minha era só a VS, e na

época ela trabalhava em São Paulo, veio morar em Sorocaba e assumiu lá. E era só ela, não tinha orientadora pedagógica, não tinha coordenadora, só as escolas grandes que tinha coordenadora que era o Flávio, essas quatro municipais grandes, mas na minha só tinha ela. Mas a gente seguia a Maria Inês ela que dava as coordenadas e a gente seguia.

12. Como era a relação com os pais?

Não mudou muito a relação daquele tempo para o tempo de agora não, é assim, a gente tinha um trabalho com os funcionários do paço, então a gente lá, nossa rotina era para funcionário, não tinha ninguém que não fosse funcionário da prefeitura, e tinha uns que a gente chamava até de vidrinho por que a mãe era muito cheia de frescura com o neném, nossa parecia que a criança ia morrer ali sentada então, tudo acontecia com a criança, só porque ela ficava no pé. Então assim, elas faziam pergunta se a criança estava bem, se passou bem, se comeu, se não comeu, o que foi feito, mas lá no paço era mais tranquilo por que eram mais esclarecidas as pessoas, então tudo o que você propunha os pais estavam junto com a gente. Então lá a diferença é essa. Depois de dois anos que eu sai do paço e fui lá para a vila Barão a diferença foi assim radical, por que a creche atendia vila barão e nova esperança então estava começando a formar aqueles bairros lá né, então, nossa, radical a pobreza era generalizada. Ali você tinha tudo, fralda da melhor, leite do melhor, a mãe tirava uma horinha para ir lá amamentar a criança, lá na outra creche já não tinha nada disso, eles iam para comer mesmo, se alimentar, por que não tinham roupa, não tinham nada. Então a diferença foi muito grande.

13. Os pais se preocupavam com o desenvolvimento cognitivo da criança?

No paço sim, na vila barão não. Na outra mais simples não. Para eles era para colocar a criança lá para poder trabalhar ou colocar a criança lá e poder ficar livre da criança e a criança poder ter alimentação, ter tudo do bom, que era muito bom, não tinha o que reclamar mesmo porque café da manhã, almoço, colação era tudo maravilhoso, a comida super bem-feita, era muito melhor do que é hoje, e as crianças se alimentavam muito bem, então a intenção do pessoal mais simples era essa, era que a criança ficasse na escola.

14. Quais eram os procedimentos no caso de crianças doentes?

Deixava lá, a gente dava remédio. A mãe mandava a receita e a gente dava o remédio para a criança, a gente medicava a criança sim.

15. Quais eram os desafios enfrentados pela creche naquela época?

Acho que era meu mesmo, por que eu estava começando a minha carreira e tinha dado aula na alfa vida, mas é diferente, criança é outro, o oposto. Aí eu passei no concurso, estava efetiva então tinha todo aquele medo de você não fazer um bom trabalho. Nossa nunca trabalhei com berçário na minha vida, que que eu vou fazer com um berçário? Primeiro da pane na gente, por que a criança quando você está lá, primeiro ano, segundo ano viu é BA BE BI BO BU, é aquilo lá que você vai dar, você pega um livro e segue, agora berçário não tinha livro, hoje já tem bastante coisa, mas antes não tinha, hoje em dia tem internet tem tudo. A gente não tinha livro, não tinha nada para a gente procurar como que eu vou trabalhar com essa criança do berçário, o que eu vou dar para ela fazer? Ela vai comer beber, fazer coco, então o que eu vou fazer com ela? Então o desafio maior era meu, era eu como profissional, que eu não queria perder meu emprego, por que vim de uma família humilde, precisava trabalhar, e eu também queria dar o meu melhor, fazer o melhor para as crianças, então o desafio maior era esse era eu aprender a trabalhar. Porque é um aprendizado, todo dia você aprende alguma coisa com as crianças e aquele momento era um aprendizado, eu aprendia com eles e eles aprendiam comigo. Então o desafio maior foi esse.

16. Quais os desafios enfrentados hoje?

A educação infantil hoje, foi mudado muita coisa na lei, antigamente era um direito da mãe que trabalhava e colocava a criança numa creche, hoje em dia é direito da criança. Não acho que é de todo errado ser direito da criança, mas eu acho também que a criança precisa ficar em família, precisa conviver com a mãe e com o pai. Então o desafio maior é os pais darem valorização, valorizar o trabalho do professor da educação infantil, que está se perdendo a cada dia que passa, a cada dia que passa o nosso trabalho está sendo jogado às traças, é como se a gente tivesse lá só para cuidar dos filhos dele. Oh, cuide e pronto, não me atormente. Liga para o pai, ninguém atende o telefone, o menino está com 39 de febre quase 40, nenhum

telefone atende. Então quer dizer, como que pode você não achar o pai e a mãe? Não existe. Quer dizer então próprio pai e a própria mãe não estão nem aí para o seu filho. Por que quando você se importa com o seu filho você jamais vai deixar todos os telefones sem um contato, pelo menos um vai achar você. Agora seu filho está lá doente, as vezes do remédio antes de ir para a escola, já teve vários casos lá na creche, dá remédio para a febrinha, para terminar a febre e manda para a escola, aí passa o negócio do remédio da febre de novo só para a criança não ficar em casa, então, assim, o maior desafio é esse a valorização do profissional da educação infantil que não está tendo nenhuma. O povo acha que é meu direito, só quer saber do meu direito, a população hoje. Os meus direitos são esses, mas os seus deveres você não está cumprindo, então só quer saber de direito, então aí está começando a degradingolar a educação infantil, nesse sentido.

ENTREVISTA L. (Professora)

1. Qual seu interesse na educação infantil e o que fez com que você seguisse nessa profissão?

Eu comecei na educação infantil em 1992, trabalhei dois anos na creche do paço, aí depois um ano numa outra creche que eu não me recordo agora, e depois eu fui para a educação infantil parcial, já não era mais creche. Desde o início eu sempre gostei dos menores, de trabalhar com a criança pequena, do desenvolvimento da criança pequena, trabalhar um pouco essa questão das crianças com os pais, com as mães, então a primeira infância sempre me interessou mais.

A minha primeira faculdade foi psicologia, aí no caminho eu precisei parar a faculdade de psicologia por que eu passei no concurso aqui de Sorocaba então eu interrompi a faculdade de psicologia, comecei a trabalhar, tive dois filhos de início, a L. e o LF, aí quando começou o curso de psicologia aqui em Sorocaba, eu voltei para a faculdade, aí conclui psicologia, e aí depois eu fiz pedagogia. Então minha primeira faculdade foi psicologia e depois pedagogia.

Quando eu prestei concurso não precisava de pedagogia, as formações que eu fazia na época, eram formações com a Maria Inês Pannunzio, e ela trabalhava a formação do professor de creche, então quando eu entrei, quando eu prestei o concurso, eu prestei para professor de creche mesmo, por que eu tinha a pontuação dos cursos, então achei que isso iria me ajudar no concurso.

2. O que você entende por criança e por educação infantil?

Eu vejo assim, que a criança, a formação do indivíduo, do ser humano acontece logo na primeira infância, então assim, a importância da criança poder vivenciar uma educação infantil com qualidade, com profissionais que tenham conhecimento da primeira infância, profissionais afetivos acima de tudo, que a aprendizagem é importante, o conhecimento que você vai estimular na criança. Mas o básico, a base é a afetividade. Então a criança tem que se sentir bem, se sentir amada, se sentir acolhida para que ela possa aprender, acredito muito nisso, eu acho que por isso que eu me interessei também pelas crianças pequenas.

3. O que você entende da creche?

Quando eu iniciei na creche, que foram lá com as formações da Maria Inês Pannunzio, nós não tínhamos auxiliares, eu não lembro de ter. Então eu lembro que eu trabalhava no berçário, era eu e uma outra professora, a professora E. que foi uma das minhas colegas, e teve outras também, então, assim, nós cuidávamos das crianças e nós também fazíamos a parte da estimulação. Só que sobrava muito pouco tempo para fazer a estimulação, por que nós éramos em duas professoras para 15 bebês, então nós ficávamos a maior parte do tempo cuidando. Mas o conhecimento que a gente tinha da pedagogia e os cursos que a gente tinha a oportunidade de fazer, porque naquela época existia muita formação para o professor da rede, então essas formações possibilitava o professor ter o conhecimento quanto era importante mesmo no cuidado ele estar estimulando, então a gente não tinha um momento de estimulação somente, mas, assim, com os cuidados já existia a estimulação, a conversa com a criança.

4. Há diferença entre o educar e o cuidar? Um existe sem o outro?

Não, acredito que não. Acredito que assim, com o cuidado já está intrínseco você educar a criança, só que muitas vezes, se o cuidador ele não tem uma formação boa, ele não tem um conhecimento da primeira infância, ele não tem um conhecimento de quanto é importante o diálogo com o bebê, mesmo que você esteja lá cuidando, trocando, você está nomeando as partes do corpinho do bebê para que ele possa estar desenvolvendo essa autopercepção. Então se o profissional não tem esse conhecimento muitas vezes ele não consegue educar, ele fica só no cuidado. Por isso que é importante ter essas formações continuadas, é importante mesmo o cuidador ter acesso aos cursos, talvez até uma faculdade de pedagogia que vá mostrar que o educar e o cuidar vão caminhar juntos.

5. Qual o papel do professor da Educação Infantil?

Eu acho que o papel do professor da educação infantil é muito importante por que assim, olhar do professor tem que ser muito aguçado, por que ali, logo naquele início do desenvolvimento da criança, você tem condições de perceber se essa criança vai ter maiores problemas com a aprendizagem ou não, então o professor ele tem que ter essa percepção aguçada, que muitas vezes se ele não percebe e deixa pensar a criança no 1º ano, 2º ano, 3º ano vai ter muita dificuldade. Então um dos papéis do

professor da educação infantil é essa percepção, acho que é importante. Um outro papel também, é iniciar a criança no mundo das letras, dos números. Não é tua função alfabetizar uma criança, mas você tem que já começar a dar condições para que ela vá aprender depois.

6. O olhar do professor pode ser aprendido?

Sim, ele aprende. É aprendido. Só que tem professor que é mais atento, isso é uma característica da pessoa. Tem pessoas que são mais atentas, são mais minuciosas, outras precisam desenvolver. É uma profissão, e se você conseguir juntar aquilo que você faz de melhor com aquilo que você vai aprender claro que você vai ser um profissional melhor até do que outros, mas assim, o professor, eu acredito muito nisso, se tem coisas que ele não aprendeu, não sabe, ele tem que ir atrás, ele tem que buscar conhecer. Como as crianças de ed. Especial, se o professor tem um aluno com autismo dentro da sala de aula é obrigação dele buscar a leitura, ter o conhecimento, buscar o conhecimento, ele pode até não ter, mas ele tem que buscar conhecer o assunto para que ele possa trabalhar de uma forma melhor.

7. Como era a rotina da creche quando iniciou sua carreira?

Nós tínhamos 15 bebês para duas pessoas, duas professoras, nós trabalhávamos, eu acredito que eram seis horas de trabalho e era aquela rotina assim: a gente recebia as crianças, aí tinha as trocas, nós é que dávamos o banho na criança, nós é que dávamos a alimentação (tinha a lactarista que preparava o alimento, mas o professor que dava o alimento), o professor é que brincava. Infelizmente, sobrava pouco tempo para brincar, por que a gente tinha que cuidar também, então como eram 15, quando você terminava do 15º o 1º já estava lá esperando para ser cuidado novamente, então era uma rotina bem puxada. Mas os professores eles tinham uma formação, então eles tinham conhecimento, ao mesmo tempo que eles cuidavam eles também estimulavam.

8. Como era a estrutura da creche? Havia material?

Então, a creche do paço, por ser uma creche que atendia os filhos das pessoas que trabalhavam no paço a maioria delas que tinham um cargo bom, um cargo de importância, então a creche era muito visada. Nada ficava perecendo, se tinha

alguma coisa que tinha que ser feito no prédio já era feito, por que as mães cobravam, e elas trabalhavam aí. O prédio estava sempre em ordem, era muito limpo, a comida era muito bem-feita pela lactarista na época, os professores podiam comer também, então a gente comia junto com os bebês. Material, hoje tem muito material pedagógico, antes não tinha muito material assim, hoje tem muito mais. Infelizmente hoje tem muito mais, mas não é cuidado, então vem muito material, compra – se muita coisa, mas as vezes perde – se instrução de jogo, de brinquedo, e aí fica aquele monte de material na escola perdido, sem ter uma finalidade de uso, isso acontece.

9. Como eram organizadas as crianças?

Eu lembro muito pouco, porque eu fiquei logo no meu início da carreira. Mas nós tínhamos o berçário 1, e quando a criança começava a andar ela ia para o berçário 2, aí nós tínhamos o minigrupo que é como se fosse o mini maternal, aí depois tinha o maternal, pré1 e pré2.

10. Havia uma proposta pedagógica e uma orientadora?

Não, não tinha orientadora pedagógica, então quem fazia esse papel era o diretor, eu tive a oportunidade de ter uma excelente diretora quando eu entrei na creche, eu aprendi muito com ela. Então tinha a diretora e ela que cobrava todas as ações, tinha as supervisoras que visitavam também. A creche do paço era uma creche muito visitada, tinha muita festa, festa junina, festa do dia das mães, tinha essas festas. Eram festas que sempre tinham supervisoras que estava ali olhando, direcionando o trabalho, tinha muito isso.

Tinham muitas formações, e a Maria Inês pannunzio, no início ela estava a frente de todas as formações, então eu tive a oportunidade de fazer as formações antes de entrara na creche, quando eu entrei na creche eu já entrei com um conhecimento bom de creche, mesmo tendo feito um magistério fraco, por que eu fiz um magistério fraco, mais aí eu entrei com um conhecimento muito bom em creche por conta da Maria Inês.

11. Como era a relação com os pais?

Maior preocupação dos pais, principalmente dos menores era com isso, se comeu, o que comeu, se fez xixi, se fez coco, só que aí eu vejo assim, a gente como mãe, realmente, com a criança pequena, essa tem que ser uma preocupação mesmo. Você tem que saber se o seu filho fez coco naquele dia, ainda mais a mãe que fica o dia todo fora, que vai pegar a criança no fim do dia. Então se a criança fez o coco, se a criança se alimentou, por que se ela não comeu a mãe sabe que ela tem que fazer alguma coisa a hora que chegar em casa. Mas a gente tinha muita criança que do jeito que ia embora, voltava no outro dia, tinha muito isso. Criança que você via que você punha fraldinha, roupinha, ia embora chegava em casa provavelmente dormia, já não comia mais nada, no outro dia vinha para você trocar. Como tem hoje.

Participavam das festas, as crianças também iam vestidinhas, com roupinhas de festa junina, tinha aquelas festas que eram para as mães para os pais que hoje já não vê muito, por que é festa da família, que as famílias estão hoje com muitas configurações diferentes, antes tinha menos. Então tinha mais essa festa das mães dos pais, hoje já mudou um pouco isso.

12. Qual era o procedimento no caso de crianças doentes?

Não podia dar remédio, e assim, se acontecesse de uma criança precisar tomar remédio, como os pais trabalhavam no paço a mãe vinha dar. A mãe vinha, medicava a criança e voltava a trabalhar.

13. Quais os desafios enfrentados naquela época?

A lembrança que eu tenho é que a correria era muito grande. Então isso era um desafio, a gente ter que cuidar da criança e ao mesmo tempo ensinar, cantar uma música, ensinar os conceitos básicos da educação infantil, então isso era um desafio que a gente tinha muito pouco tempo para isso. Então quando surgiu esse outro cargo que era de cuidador, eu vi como um ganho, por que agora o professor agora vai conseguir só estimular, e de repente orientar esses cuidadores, essas pessoas que cuidam, a cuidar também ensinando, não só o cuidar.

14. Quais os desafios hoje?

Eu vejo assim, desde antes, mas que precisa ainda continuar, que o professor de educação infantil ele tem que ter como parte da personalidade dele, do jeito de ser dele, ele tem que ser uma pessoa afetiva, ele tem que ter uma disponibilidade afetiva para poder acolher, ele tem que ter um olhar atento para observar essa criança em desenvolvimento, se você perceber alguma coisa diferente poder ter condições de orientar os pais. E hoje, o que a gente houve, como eu estou fora da sala de aula, estou na sala de recursos eu não vivencio o dia a dia, mas o que eu vejo, que eu vivenciei o ano passado que eu voltei para sala de educação infantil, fiquei dois meses, era o número muito grande de crianças para um professor só, na primeira etapa com crianças pequenas, é um professor só. E as crianças hoje, eu vejo que elas estão diferentes de quando eu entrei. Elas são muito mais agitadas, tem uma dificuldade muito grande de manter atenção numa história ou numa brincadeira, por conta de ser, realmente tudo muito rápido, então elas gostam muito de assistir de correr, de jogar no celular, então isso é um desafio para o professor da educação infantil resgatar os valores, as brincadeiras infantis, as músicas, uma criança de educação infantil hoje não sabe cantar uma musiquinha de educação infantil, então o professor precisa resgatar, ele também precisa cantar.

ENTREVISTA R. (Professora)

1. Qual seu interesse na Educação infantil e o que fez com que você seguisse essa profissão?

É até engraçado né, por que eu no começo eu não queria fazer magistério, eu queria fazer processamento de dados que era a profissão da moda, quando eu ia fazer o ensino médio. Só que eu ia mudar pra Sorocaba, e ai não tinha internet igual agora, e eu não sabia se aqui tinha processamento de dados, ai eu resolvi fazer o ensino médio e tinha magistério, ai eu fui fazer magistério e acabei-me apaixonando e me encantando pelo magistério e eu comecei assim.

2. Qual a sua concepção de criança e de creche?

Então, criança é uma coisa que confunde até um pouco com infância, quando fala em criança a gente pensa em infância, mas é diferente, por que criança é um ser humano de 0 a 12 anos, primeiro é bebe e depois de 18 meses que vai ser criança. E é um ser social, que ele vai absorver tudo que está nesse meio, que ele vai aprender, é um ser humano pequeno, mas que a gente acha que ele é frágil, mas ele nem é tão frágil assim, por que muitas leis são feitas em torno dessa criança, até leis de transito, muita coisa é feita para criança, então ela é um ser frágil que está aprendendo, mas que ela merece o mesmo respeito de um adulto, e as vezes a gente não vê isso, mesmo no sentimento né, só que eles tem menos controle, eles estão aprendendo a controlar.

A creche acho que ela tem duas denominações, por que pra nós que trabalhamos na creche ela tem todo uma função importante, pra criança aprende, a gente quer que a criança se desenvolva, a gente se preocupa com tudo com a criança, a gente percebe que creche para as famílias não é bem isso, por que eles precisam trabalhar e nem todos eles estão pensando em tudo isso que a gente pensa, pra eles é um lugar que eles deixam a criança pra ir trabalhar, bem assim, não um deposito por que deposito é uma coisa pesada, mas é, eu acho que pros pais é isso nenhum pai fala assim, ah quando meu filho nascer vou colocar ele na escola na creche pra aprender, eles não tem muito isso não. Tanto é que a gente tem dificuldades quando suspende aula por que eles precisam deixar as crianças para trabalhar, ela tem outra conotação para eles.

3. Há diferença entre o educar e o cuidar?

A gente vê sim, eles são interligados, o cuidar e o educar estão juntos, mas eu penso assim, o cuidar é quando a gente pensa nas necessidades da criança, então é a necessidade afetiva, o biológico, que é a alimentação, a higiene, os cuidados para não se machucar, tudo isso. Agora o educar, a gente já pensa diferente, a gente pensa que a gente está desenvolvendo as competências e as habilidades nessa criança, e aí está tudo junto. Por isso que tem tanta confusão, mas a gente sempre tem um olhar diferente, até o nosso cuidar é diferente do cuidar do pai, do pai da mãe, por que o cuidar do pai e da mãe, ah eles querem proteger a criança, e a gente sempre está pensando em oferecer oportunidades, oferecer desafios, claro, sempre com cuidado, mas um cuidado que a gente quer que ele cresça, a gente quer que a criança seja independente

4. Qual o papel do professor na educação infantil?

O papel é esse, é estar sempre de olho, tentar olhar cada criança, por mais que você tenha 30 na sala, você tem que tentar conhecer eles, olhar para eles como um ser humano não como um número na sala. E sentir o que que naquela hora a criança está precisando, a gente está sempre com planejamento, mas tem que ser flexível, muito flexível, ainda mais na educação infantil, muito flexível por que a criança, uma coisa que você pode falar um pouco mais alto para a criança, ele já vai ficar todo sentido, então tem que ter muito cuidado com essa criança. De como trabalhar com ela, mas sempre elaborar projetos, eles são capazes de tudo, mas sempre no tempo deles, no jeitinho deles, cada turma é uma turma, cada criança é uma criança. É olhar individualmente a criança.

5. Como era o atendimento na creche no início da sua carreira?

Nossa, era bem diferente. Eu trabalhei, para você ter uma ideia, no PROMEP (CECOPE) que era o projeto municipal da educação, antes, já tinha PEMSO, que antes chamava PEMSO, mas eu fazia magistério e no magistério que eu comecei a trabalhar como se fosse estagiaria hoje em dia, só que a gente era sozinha, então ficava só eu na escola. Tinha uma pessoa que era voluntaria que ia para fazer comida e o dia que ela não ia eu tinha que fazer comida, que era um saco de alimento assim, era lata de feijão, macarrão daí vinha o molho pronto, lata de

sardinha, e eu tinha que me virar, tinha que fazer a comida, olhar as crianças, só que até hoje, eu tenho saudade. Eu trabalhei lá no Ipanema do meio que hoje eu acho que é o 47 lá no Ipanema do meio, na Raposo. Mas a gente era tão valorizada parece naquele lugar, as famílias tinham uma cumplicidade com a gente, aí vinha mãe que colaborava, e tinha tudo, só que como eu era estudante, eu fazia magistério, só que último ano eu já estava na faculdade, era assim, a gente tinha um planejamento que já vinha pronto. Então tinha uma reunião uma vez por mês, com a coordenadora, que era a Betinha e o Serginho da prefeitura. E eles entregavam para a gente vários planejamentos, do mês como todos os dias já, musiquinha nova, fazia oficina de artesanato, a gente era preparado nessa reunião para chegar lá e dar aula, aí o começo foi bem isso, tinha lugar que tinha mãe crecheira, daí a mãe crecheira já é outro sistema, que era a mãe que cuidava dos vizinhos, e a prefeitura levava produtos de higiene, levava... e ela se virava ali com as crianças, daí já era menos. Depois teve a turma do semear.

Eu ficava meio período com as crianças. Era um convenio com professor do estado. Começaram a trazer professor do estado pra Sorocaba ai o professor do estado ficava meio período e eu ficava meio período, daí a prefeitura ficava no mesmo lugar, ficava junto, num prédio da prefeitura, bem simples, a gente usava centros comunitário, esse do começo, era uma cozinhinha pequenininha com dois banheiros, um coberto pequeno com cavalete que tinha que guardar até a noite as mesas e ai a criançada assim, dia que chovia era até complicado, era bem assim, vários pontos de Sorocaba, devia ter umas 10 escolinhas assim, o Gutierrez também era assim que eu lembro, o Guadalajara já tinha mais estrutura por que era no centro comunitário, tinha escola que eles usavam o centro comunitário pra ficar a creche, agora aqui no paço, era assim a história da creche no passo é que não tinha essa creche, então usavam o Maria do Carmo que é o 58, ai uma van, uma Kombi, que nem era van antigamente era Kombi, as mães iam trabalhar na prefeitura com as crianças, ai entrava na Kombi, levava lá no Maria do Carmo, depois ia buscar até construir essa creche era assim, a creche aqui da prefeitura não tinha, e ai era desse jeito lá, as mãe traziam as crianças pra trabalhar com elas.

6. Havia mateiras, brinquedos no PROMEP?

Olha, nesse no PROMEP quando eu conto, era papel jornal, não era nem sulfite, o giz de cera era umas caixas grandonas que vinha quase nem escrevia, mas só que a gente conseguia fazer tanta coisa, é muito interessante isso, a gente não precisa de material para fazer, as vezes você pode ter um monte de material, mas se você não souber trabalhar não vai adiantar nada. É o que eu sempre falo, o que diferencia é a interferência que a gente faz naquele momento, e a gente vê que as crianças eram alfabetizadas também, até os 6 anos, que era até 6 anos, agora ficou de 0 a 3, mas a gente tinha até 6 anos, eles saiam lendo, aqui no paço mesmo eu tive criança que no discurso da formatura, que fazia, eles leram tudo, eles leram o discurso, então é bem interessante.

7. Como eram divididas as crianças?

Não, no começo não, era 1 classe só tudo misturada, umas vinte crianças, de 4, 5 e 6, tudo junto, tinha até de 3. 3, 4, 5 e 6 ficava tudo junto. Eles ficavam numa sala só no começo.

8. Como era a proposta pedagógica?

Tinha o planejamento e era o CATAPE, por que assim, as professoras da rede tinham o CATAPE que era da PEMSO, quem trabalhava na PEMSO ele era um sistema, era muito legal de ver, o visual dele era muito bom, dava um trabalhão pra fazer por que cada atividade praticamente era uma folha de sulfite, você escrevia os objetivos, conteúdos, se fizesse uma dobradura tinha até que fazer uma mini dobradura e colocar ali e ia pra São Paulo corrigir e voltava o planejamento da professora, e ai nós entramos nesse CATAPE, eles tinham várias apostilas com atividades de motricidade, coisas de caminho, de recortar, ligar ponto, então a gente usava o material do CATAPE, eles davam um treinamento pra gente do CATAPE.

9. Como era a relação com os pais?

Parece que antes eles valorizavam mais do que hoje. Hoje eu acho que a relação é tão, tão correria, a vida das pessoas, nesse negócio de trabalhar de tudo, por exemplo, ontem aconteceu uma coisa assim que eu falei Meu Deus, uma mãe ligou na escola e eu atendi o telefone, aí era meu aluno, ela ia avisar por que não era para deixar embora com a perua, que ela ia buscar por que não tinha ninguém para

receber, aí eu perguntei assim para ela: mas como que é o nome da professora? Por que eu sempre tenho vontade de fazer isso, acho que eu vou aposentar e não vou conseguir fazer isso ligar em todas as casas e perguntar se eles sabem o nome da professora, eles não sabe, aí a gente pensa assim, nossa mas é uma despreocupação, por que eu vejo na minha família, a professora dos nossos filhos, do meu neto, dos meus sobrinhos, a gente sabe o nome, tem o maior carinho por elas, valoriza muito, mas a gente vê que a gente não tem isso que já aconteceu várias vezes da mãe entrar na escola, falar com a gente e nem sabe que a gente é professora do filho, então é uma despreocupação, acho que até um excesso de confiança, uma coisa, há vai pra lá, fica lá que eu tenho que trabalhar, é o que eu disse pros pais a visão da creche é diferente da nossa.

Nas primeiras não, nossa, nas primeiras era assim, nesse lugar que eu trabalhava, a maioria dos pais eles trabalhava e eles eram caseiros de chácara, então toda sexta feira eles disputavam em qual chácara que a gente ia passar a sexta feira, por que na sexta feira a tarde daí a gente ia numa chácara passear por que na escola não tinha parque, na escola não tinha brinquedo. E essas chácaras eram chácaras bem bonitas que eles trabalhavam que tinha parque, aí toda sexta a gente levava o que fosse come, já deixava pra fazer lanche por que daí deixava pra tomar o lanche na chácara, atravessava a Raposo Tavares, o guarda era do lado da escola ajudava a gente a atravessar quando a chácara era do outro lado, então os pais tinham o maior carinho, quando eu sai de lá, o Serginho fala, Rosana eles fizeram abaixo assinado porque queriam que você voltasse pra lá, os pais fizeram abaixo assinado por que eu fui pro Guadalajara que pra mim era metade do caminho, e eu tinha estrutura, daí tinha até telefone, por que lá onde a gente trabalhava não tinha nem telefone na escola era assim sabe, outro mundo, mas era muito bom, era muito bom mesmo. A decoração feita de papel, mas fazia na sala, reunião de pais, a gente fazia tudo, apresentação junina, essas coisas acho que é tradição da escola, é uma coisa que sempre teve

10. Quais eram os procedimentos no caso de crianças doentes?

Então, nossa era duro. Uma vez lá no 49, eu trabalhei lá no laranjeiras, uma criança caiu brincando de bolinha de gude na escola, até hoje eu fico pensando como é que podia levar bolinha de gude na escola? Levo bolinha de gude, caiu e bateu a testa,

eu tive que enfiar no ônibus comigo e levar pra Santa Casa o menino, a gente socorria, a gente enfiava no nosso carro, socorria, por que você não ia ficar esperando o pai, ninguém tinha celular como tem hoje, não tinha ambulância, era a escola que socorria, geralmente era a diretora, escola que tinha diretora era a diretora que enfiava no carro e levava e quando, no caso que era lá, a diretora ficou, que era a V, ela ficou cuidando da minha sala que ela não dirigia, e daí na volta ainda encontrei com a mãe do menino no ônibus, com o menino com o maior curativo na cabeça. Mas era a gente que socorria, depois que não pode mais socorrer, mas era a gente que socorria.

11. Quais os desafios da creche naquela época?

Então, parece que, não sei, eu não sei se a gente que era mais sonhadora, a gente não via muito desafio, a gente era tão animada, mas é que acho que as coisas eram mais lentas, a gente tinha mais liberdade pra trabalhar, hoje a gente tem menos liberdade, apesar de ter mais cobrança de papel, sempre teve relatório sempre teve, sempre fizemos planejamento, só que a gente fazia um planejamento no começo do ano, no começo do ano eu lembro que as reuniões no início do ano a gente sentava todo mundo e já fazia um planejamento pro ano inteiro, com objetivos, ai tinha escola que até dividia por bimestre, que agora a gente não faz, agora a gente faz semanário, e ai vai desenvolvendo o semanário, não tem um anual, eu acho que isso faz falta. De antes parece que não tinha desafio, não tinha essa coisa de classe superlotada, tinha menos criança, não tinha não.

12. Quais os desafios hoje?

Então hoje tem isso, por que no creche 3 é só uma professora e uma estagiaria, antes era a professora e três que era, que foram mandados embora, agente infantil. Era assim, a professora e mais três, então você conseguia fazer muita coisa, por que hoje, as crianças são muito mais espertas, até as vezes eu olho pra eles e penso nossa eles são creche 3 antes eles eram os bebês da escola, agora eles não são mais os bebês da escola, mas é muita criança, e você daí, esse cuidado acaba engolindo o educar, por que você não tem como não olhar eles, não cuidar, não tem ninguém ali pra te ajudar mais, por que tem que ir no banheiro, vai no banheiro toda hora, classes lotadas, com 30 crianças, então o

desafio hoje é mas essa parte humana que está faltando, mais pessoas pra trabalhar ou diminuir o número de crianças, e ai também, eu acho que assim uma sala com 15 e duas pessoas é uma coisa, uma sala com 30 e 3 pessoas, ou 4 é muita energia, é muita criança, então o maior desafio do professor hoje talvez seja esse, o número excessivo de alunos na sala de aula, teria que ser menos alunos.

Mas eu continuo apaixonada pela educação infantil, que é uma paixão, o que é gostoso da educação infantil é que tudo o que você trabalha você vê o resultado logo, de 0 a 3 você ensinou uma musiquinha, contou uma história, eles já estão falando, eu acho que você tem um retorno muito rápido do trabalho, do nosso trabalho. Você vê rápido o retorno, isso é muito legal, é muito gostoso, isso acho que vai motivando a gente, de você fala ah já está sabendo. Eu fiz um projetinho lá de horta, daí entrou um menininho novo na 1 semana a mãe dele foi lá perguntar para ele o que era as coisas, ele falou tudo, falou tudo então você fala olha que delicia, que gostoso isso, a gente tem esse retorno rápido.

ENTREVISTA S. (Professora)

1. Qual o seu interesse na educação infantil e o que fez com que você seguisse essa profissão?

O que fez eu seguir a profissão foi o fato de gostar da parte de docência e de crianças pequenas, acho que o desenvolvimento delas é muito importante, Sempre tive essa paixão pela educação infantil e foi, o que fez eu querer. Eu entrei trabalhar como professora de creche logo que eu me formei ou seja com a educação infantil e assim ao longo de minha carreira sempre me dediquei com gosto nesta profissão que escolhi.

2. O que você entende por criança?

Criança é aquele ser inocente, que está pronto para tudo, não tem maldade, vem para a gente com vontade de conhecer as coisas, de aprender, é muito fácil de você conquista – las e elas conquistarem a gente, então, criança é um ser puro que está ali para te trazer coisas boas e você poder mostrar o mundo para eles.

3. E educação Infantil e creche?

A creche é um local onde ela pode descobrir muitas coisas, interagir com outras crianças, conviver com adultos, ter uma noção ampla mundo, desta forma a creche é um meio muito interessante para descoberta de si, dos outros e do mundo em que convive, na visão dos pais já não é todo esse universo, para eles é só um lugar, para deixar enquanto vão trabalhar, eu não compreendo a creche assim. Além do lugar onde que, lógico, a mãe vai deixar a criança para ir trabalhar, ela tem que ter aquela parte que é da escola mesmo. Eu acredito que você vai poder dar oportunidades para essa criança se desenvolver plenamente.

4. Você vê diferença entre o educar e o cuidar? Um pode acontecer sem o outro?

Não, os dois caminham juntos, principalmente na educação infantil de 0 a 3. Não tem como você educar sem você cuidar, por que até o bebezinho ele necessita de cuidados primeiramente, e se ele não está bem cuidado, não está trocado, não está

alimentado você não vai conseguir ensinar nada para ele. Então ele precisa desse cuidado para que você possa passar algumas coisas, alguns conhecimentos para eles, mas os dois andam juntos. Não tem como na creche você só cuidar ou você só educar, você necessita dos dois.

5. Qual o papel do professor da educação infantil?

O papel do professor de educação infantil é o mais importante da vida inteira de uma criança, por que é ele que vai acolher aquele ser que vem totalmente puro, que a gente consegue passar tudo que a gente pode, ele vai aprender a andar, ele vai aprender a falar, ele vai aprender a comer, ele vai aprender a brincar, ele vai aprender a conviver com outras crianças, ele vai aprender a esperar o momento dele, ele vai aprender a se alimentar melhor, ele vai aprender regrinhas de educação: obrigado, por favor, ele vai aprender a cortar, colar, a pintar. Então, a educação infantil vai mostrar tudo o que ele vai precisar para a vida inteira, depois ele vai aprimorando nas outras series, mas a educação infantil é a fase mais importante do desenvolvimento humano na minha opinião.

6. Como era o atendimento quando você iniciou sua carreira dentro da creche?

A creche, quando eu entrei, eu peguei uma creche novinha, que tinha acabado de ser inaugurada, então era tudo novo para as crianças, tudo novo para os pais, para a comunidade que era da Vila Angélica, eles adoravam tudo, eles conheciam tudo. A gente tinha muito material, para mim também era tudo muito novo, por que tinha muito livro, muita coisa, tudo novinho. As crianças vinham encantadas, tudo colorido, lindo e novo, e uma alimentação muito boa, os pais respeitavam demais os professores, entendiam o trabalho, tudo que você pedia, colocava tinha bastante retorno. Então foi assim, para eles foi um ganho. A comunidade não tinha isso, quando ela ganhou essa creche foi muito importante. Só que de início atendia só as mães que trabalhavam fora.

7. E como era a rotina da creche?

Então, nessa época, eu nunca peguei as crianças muito pequenas, sempre pegava a fase do maternal. E o maternal a gente trabalhava com duas professoras de manhã e duas professoras a tarde. A gente tinha 20 / 25 crianças. Entrávamos,

tomava café, voltava para a sala, dava uma atividade pedagógica, corte, colagem, pintura, musica, história, depois a gente ia para o parque, no parque tinha a colação, almoçava e ele iam para o descanso, é bem parecida com a rotina de hoje.

8. E a estrutura física da creche? É parecida também? Tinha espaços adequados?

A estrutura física era exatamente igual a do 68 que eu comecei com a do 63 que eu estou hoje. A mesma estrutura e as mesmas salas.

9. Como era a orientação sobre as atividades pedagógicas? Quem dava essa orientação?

A gente tinha um caderno de planejamento, quem via e orientava a gente dentro da unidade escolar era a diretora. Ele olhava o caderno, visitava, colocava os comentários e dava as ideias e a gente tinha a Professora Maria Inês que fazia com frequência os cursos de formação e também nos dava a oportunidade de falar o que estava fazendo para ela poder dar umas ideias, ajudar a gente com mais atividades ou nos corrigir quando o que estava sendo apresentado não era adequado para a idade. Então ela era uma supervisora das professoras na rede e a diretora orientava dentro da unidade. Fui uma das primeiras professoras que fizeram o curso da Maria Inês, após os primeiros cursos ela fazia manutenção, dando continuidade em módulos.

10. Como era a relação com os pais?

A preocupação pedagógica os pais nunca tiveram, quem foi colocando foi a gente, com o trabalho sendo mostrando, fazíamos muita reunião. Eu tive uma diretora muito boa, que ela adorava chamar os pais para estarem participando das coisas, e ela dava oportunidade de mostrarmos nosso trabalho e, através disso, eles foram conhecendo o trabalho pedagógico, que eles não conheciam O trabalho pedagógico com crianças pequenas, por que a creche também era novidade na época. Então era através das reuniões de pais que se conseguia mostrar alguma coisa. Claro que, uns valorizavam, outros não compreendiam, queriam só deixar a criança. Mas eles participavam bem, era uma comunidade bem participativa.

11. Quais eram os procedimentos no caso de crianças doentes?

As crianças doentes iam para a creche e se precisasse tomar remédio as professoras davam com a receita médica.

12. Quais os desafios enfrentados naquela época

De início, era novidade para todo mundo, então, assim, não tinha um desafio muito grande por que a gente tinha material, a gente tinha criança, tinha a Maria Inês que nos ajudava muito, e ela, divulgava muito esse trabalho para a comunidade também, não só para os professores. Então era muito valorizada mesmo. O desafio era mais assim, a gente sabe o que fazer com aquela criança. Por que para o professor era uma novidade a educação infantil em Sorocaba, então como fazer, como dar o melhor atendimento para essa criança, o cuidar era mais difícil, no meu caso, do que a parte pedagógica, porque eu tinha acabado de sair do magistério, estava fazendo faculdade, então eu tinha um monte de atividades para dar e um monte de coisa para fazer, aí a pratica eu tinha que aprender, do cuidar, de chegar para uma criança se ela está chorando, porque. Então esse era o mais difícil.

13. Quais os desafios agora?

Eu tive essa experiencia de dois professores em sala (manhã e tarde), era muito mais interessante para a criança, por que havia uma compreensão maior da parte pedagógica. Atualmente há um pouquinho de trabalho de lidar com o auxiliar de educação, não todos, mas tem alguns que tem alguma dificuldade de entender o trabalho do professor dentro da sala de aula. Então o relacionamento auxiliar com o professor é bem diferente, por que eu tive a experiencia de dois professores, dois profissionais formados, dois professores que participavam da mesma formação, com a mesma supervisão, com a mesma orientação, isso era muito mais fácil de trabalhar com a criança. A gente tinha uma sintonia melhor. A gente conversava junto, a gente trabalhava manhã e tarde quatro professores, quatro profissionais, então quando se reunia vamos fazer por exemplo, trabalhar hoje os alimentos, então naquela semana trabalhava manhã e tarde. A gente começava uma coisa e o pessoal da tarde terminava e trabalhava na mesma linha então era bem mais fácil esse entrosamento e eu via um resultado mais interessante na parte do aprender da criança. A gente como professor sabe que tem coisas que não é para falar, coisas

que não é para fazer. E ali, tinha todo mundo mais ou menos a mesma visão para trabalhar com essa criança. Era melhor.

Outra coisa que eu vejo hoje que está diferente é a questão da superlotação e a entrada de criança frequente fora do período, porque a gente não tinha isso quando eu trabalhava na creche entrava só em janeiro e a criança ia até o final, só entrava no outro ano. Não tinha entrada frequente de crianças em adaptação que atrapalha quem já está adaptado, isso aí é uma coisa que ficou muito ruim de lá para cá. Nós não tínhamos isso, e no ano a criança mais desenvolvida poderia avançar nas turmas, era mais fácil, não entrava durante o ano, só no período certo.